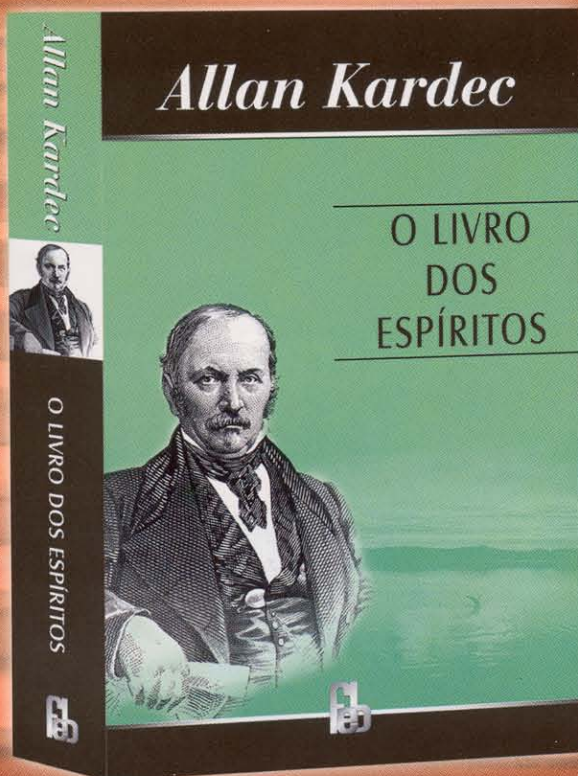


Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA — DEUS, CRISTO E CARIDADE
ANO 123 — Nº 2.113 — ABRIL 2005

A NOVA ERA

“ESPIRITISMO: UMA NOVA ERA PARA A
REGENERAÇÃO DA HUMANIDADE.”



NESTA EDIÇÃO:
A vinda do Consolador
Terapia do Perdão
Compromisso

R\$ 4,00

ISSN 1413 - 1749



9 771413 174008



Allan
KARDEC
1804 - 2004

Dia 18 de Abril 148 anos de O Livro dos Espíritos

Mês
Allan Kardec
abril de 2005

mais uma homenagem
ao Codificador da
Doutrina Espírita

Palestras
Horário: 15h

Dia 1º
Nestor João Masotti
Abertura

Dia 18
Suely Caldas Schubert

Dia 29
Therezinha de Oliveira
Encerramento

Exposição
Horário: 9h às 17h
(2ª a 6ª feira)

- Livros raros
- Réplicas de roupas e objetos do século XIX

Local

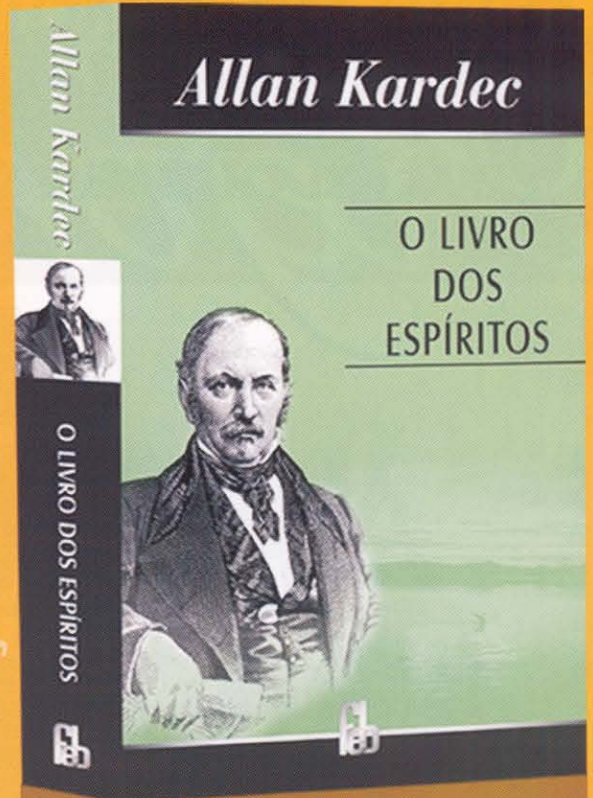
Avenida Passos, 30
Rio de Janeiro (RJ)

INFORMAÇÕES
(21)2221-3155/3153



De 1º a 29 de abril

Lançamento



O LIVRO DOS ESPÍRITOS



Allan Kardec

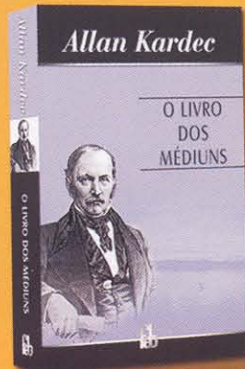
O LIVRO
DOS
ESPÍRITOS



O LIVRO DOS ESPÍRITOS



Outras obras da codificação
com novo projeto gráfico



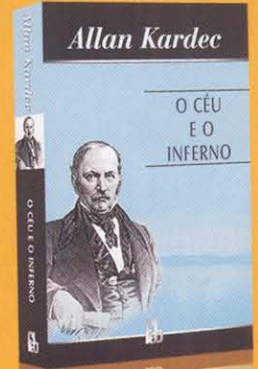
Allan Kardec

O LIVRO
DOS
MÉDIUNS



Allan Kardec

O EVANGELHO
SEGUNDO
O ESPIRITISMO

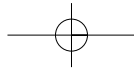


Allan Kardec

O CÉU
E O
INFERNO



vendas@febrasil.org.br Tel.: (21) 2187-8268/8272



Reformador

Revista de Espiritismo Cristão
Ano 123 / Abril, 2005 / Nº 2.113



Fundada em
21 de janeiro de 1883
Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749
Propriedade e orientação da
Federação Espírita Brasileira

Direção e Redação
Av. L-2 Norte — Q. 603 — Conj. F (SGAN)
70830-030 — Brasília (DF)
Tel.: (61) 321-1767; Fax: (61) 322-0523

Home page: <http://www.febnet.org.br>
E-mail: feb@febrasil.org.br
webmaster@febnet.org.br

Para o Brasil	
Assinatura anual	R\$ 30,00
Número avulso	R\$ 4,00
Para o Exterior	
Assinatura anual	US\$ 35,00
Simples	US\$ 45,00
Aérea	

Diretor — Nestor João Masotti; Diretor-Substituto e Editor — Altivo Ferreira; Redatores — Affonso Borges Gallego Soares, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Evandro Noleto Bezerra e Lauro de Oliveira São Thiago; Secretária — Sônia Regina Ferreira Zaghetto; Gerente — Amaury Alves da Silva; REFORMADOR: Registro de Publicação nº 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça), CNPJ 33.644.857/0002-84 — I. E. 81.600.503.

Departamento Editorial e Gráfico

Rua Souza Valente, 17

20941-040 — Rio de Janeiro (RJ) — Brasil

Tel.: (21) 2187-8282; Fax: (21) 2187-8298

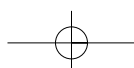
E-mail: redacao.reformador@febrasil.org.br

E-mail: assinaturas.reformador@febrasil.org.br

Capa: Agadyr Torres Pereira

Tema da Capa: **A NOVA ERA** — homenagem ao advento do Espiritismo, com a publicação de *O Livro dos Espíritos*, por Kardec, em 18 de abril de 1857.

EDITORIAL	4
A Nova Era	
ENTREVISTA: HONÓRIO ONOFRE DE ABREU	13
Vibrações do Bicentenário do Codificador alcançam o coração dos espíritas	
PRESENÇA DE CHICO XAVIER	15
O Espiritismo na atualidade — <i>Emmanuel</i>	
ESFLORANDO O EVANGELHO	21
Busquemos o melhor — <i>Emmanuel</i>	
A FEB E O ESPERANTO	34
Arthur Azevedo, Esperanto, Espiritismo — <i>Affonso Soares</i>	
PÁGINAS DA <i>REVUE SPIRITE</i>	36
Problema psicológico — Dois irmãos idiotas — <i>Allan Kardec</i>	
SEARA ESPÍRITA	42
<i>A vinda do Consolador</i> — <i>Juvanir Borges de Souza</i>	5
<i>Terapia do Perdão</i> — <i>Joanna de Ângelis</i>	9
<i>Os limites da transgressão</i> — <i>Carlos Abranches</i>	11
<i>Mão divina</i> — <i>Antero de Quental</i>	14
<i>Os sinais do Reino</i> — <i>Richard Simonetti</i>	16
<i>Provérbios</i> — <i>Casimiro Cunha</i>	18
<i>A convivência amorosa</i> — <i>Aylton Paiva</i>	19
<i>Exposição Kardec 200 anos chega ao Rio de Janeiro em abril</i>	22
<i>Compromisso</i> — <i>Dalva Silva Souza</i>	24
<i>Selos homenagearam o Espiritismo no Brasil</i>	27
<i>Formação do Trabalhador Espírita</i> — <i>Cairbar Schutel</i>	28
<i>Psicografia espírita</i> — <i>José Carlos Monteiro de Moura</i>	29
<i>Retorno à Pátria Espiritual</i> — Antonio Fernandes Rodrigues	31
<i>Em dia com o Espiritismo</i> — V — <i>Marta Antunes Moura</i>	32
<i>Prática do Bem</i> — <i>Washington Borges de Souza</i>	38
<i>Repensando Kardec</i> — <i>Da Lei de Sociedade</i> — <i>Inaldo Lacerda Lima</i>	39
<i>Os vícios</i> — <i>Mauro Paiva Fonseca</i>	41



Editorial

A Nova Era

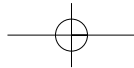
“Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal e que sendo eles os ministros de Deus e os agentes de sua vontade, têm por missão instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade.”

Esta frase de Allan Kardec, encontrada em “Prolegômenos” de *O Livro dos Espíritos*, tem por base afirmações dos próprios Espíritos, tal como a que se segue e se encontra no mesmo texto: *“Ocupa-te, cheio de zelo e perseverança, do trabalho que empreendeste com o nosso concurso, pois esse trabalho é nosso. Nele pusemos as bases de um novo edifício que se eleva e que um dia há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade.”*

Com base nestes enunciados, e em tudo mais que a Doutrina Espírita apresenta, não resta dúvida de que ela é de origem divina; que os seus autores são os Espíritos Superiores; e que tem por objetivo instruir e esclarecer os homens para que estes, através da sua regeneração moral, construam um novo mundo social, marcado pela prática dos sentimentos de amor e de caridade.

Como se observa, os Espíritos Superiores orientam, esclarecem e ajudam, mas a construção dessa Nova Era é de responsabilidade dos homens, dos Espíritos encarnados que já se conscientizaram da sua condição de seres imortais – com liberdade para construir e com a responsabilidade de responder pelo que fazem –, e também dos que já estão conscientes de que lhes cabe proceder à renovação interior, construindo novos hábitos compatíveis com as Leis que emanam de Deus, explicadas e vivenciadas por Jesus em seu Evangelho.

É por isso que o espírita, convicto dessas verdades, se empenha no estudo da Doutrina Espírita, para melhor conhecer a si mesmo e a tudo o que o cerca; aplica-se à difusão de seus princípios, para que outros também se beneficiem dos seus ensinamentos; e dedica-se à sua prática, pois sabe que somente desta forma poderá contribuir para a construção do “edifício que se eleva e que um dia há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade”, projetado pelos Espíritos Superiores em atenção aos “tempos marcados pela Providência Divina”.



A vinda do Consolador

Juvanir Borges de Souza

Quando nos propomos a estudar as origens da Doutrina Espírita, desde a fenomenologia que se notabilizou, em meados do século XIX, nos Estados Unidos e na Europa, até os estudos sérios de Allan Kardec, que resultaram na Codificação Espírita, uma conclusão lógica, límpida, inelutável apresenta-se ao estudioso: o Espiritismo, neologismo criado pelo Codificador, é o Consolador que o Cristo de Deus prometeu enviar à Humanidade.

Insistimos em repetir essa conclusão, por motivos diversos, entre os quais: a) a não aceitação da evidência, por parte das igrejas ditas cristãs – católicos romanos, ortodoxos e protestantes – que insistem em encontrar nos fenômenos do Pentecostes o cumprimento da promessa da vinda do Consolador; b) a importância que representa para toda a Humanidade a promessa do envio de outro Consolador, para permanecer eternamente com os habitantes deste Planeta; c) a incompatibilidade entre o que está expresso nas palavras de Jesus – “*outro Consolador que meu Pai enviará em meu nome, que vos ensinará todas as coisas e fará vos lembreis de tudo o que vos tenho dito*” – e a simples ocorrência da fenomeno-

logia do Pentecostes, que sempre ocorreu e continua ocorrendo, entre o mundo invisível e o mundo das formas; d) as diversas ilações decorrentes do texto do Evangelho de João, especialmente no seu cap. XIV, 15-17 e 26.

Eis o texto evangélico acima citado:

“Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: – O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque o não vê e absolutamente o não conhece. Mas, quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós. – Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito.”

Esse texto do evangelista João, reproduzindo palavras de Jesus, o Cristo, referentes ao tempo futuro, não tem registros correspondentes nos outros Evangelhos.

Torna-se evidente, nas palavras de Jesus, que Ele *não ensinou todas as coisas* aos homens, quando de sua passagem pela Terra, pela incapacidade de entendimento de uma Humanidade atrasada, moral e intelectualmente.

Havia necessidade, pois, de

aguardar o futuro, para que os homens, Espíritos eternos, mesmo que constituindo apenas uma parcela da população, pudessem entender as *coisas novas*, as realidades ininteligíveis por inteligências em evolução.

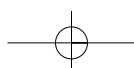
Era necessária a evolução da mentalidade humana, pelo menos de uma parte dos habitantes da Terra, para que se tornassem compreensíveis certos conhecimentos transcendentais.

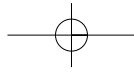
O progresso das ciências, as sucessivas reencarnações, a substituição das crenças pagãs por uma teologia mais próxima da realidade somaram-se a outros fatores do progresso geral da Humanidade, em muitos séculos, desde a promessa formulada por Jesus.

Por outro lado, o Consolador prometido visava também lembrar os ensinamentos de Jesus, como Ele se expressou claramente, numa demonstração evidente de que previa a deturpação e o não entendimento de suas palavras.

Observa-se, no texto evangélico acima transcrito, que Jesus é enfático ao assinalar as finalidades do outro Consolador, e a presença do Espírito de Verdade, que o mundo não poderia receber antes do tempo certo.

Mas o Cristo não se referiu à época em que promoveria a vinda do outro Consolador. Essa circunstância é de suma importância. ➤





Na realidade, Ele sabia que a Humanidade passaria por diversas fases de experiências, de sofrimentos e de imposições do atraso e da ignorância, fatores que não permitiriam a recepção e a permanência do Consolador prometido.

Com as limitações impostas pelo Absolutismo, na governança dos povos; sem o desenvolvimento do conhecimento de verdades eternas; sem uma maior justiça nas organizações sociais; e, sobretudo, sem a conquista das liberdades de pensamento, de expressão e de reunião, as idéias superiores não encontram meios e formas de se firmarem em um mundo atrasado, de expiações e provas, como o nosso.

Vejam algumas das etapas vividas no seio da Humanidade, após a vinda do Cristo:

- I – deturpação do Cristianismo autêntico, substituído, em parte, por organizações humanas;
- II – ligação do Movimento Cristão com o poder temporal mais absoluto do mundo ocidental – o Imperador Constantino, no ano 325;
- III – a Idade Média, uma noite de 1.000 anos, caracterizada pela intolerância, destruição dos “hereges” – todos os que tinham idéias discordantes da Igreja;
- IV – as Cruzadas, guerras de destruição, em nome de Deus e do Cristo, sob o pretexto de defesa da Terra Santa;
- V – a instituição da Inquisição e do Tribunal do Santo Ofício pela Igreja Romana, a partir do século XII, destinadas a perseguir e destruir todos os

que pensassem ou agissem em discordância com a Igreja. Essas instituições, de triste memória, duraram até a segunda metade do século XIX;

- VI – a divisão da Igreja em Romana e Oriental, ou Ortodoxa, sob orientações diferentes;
- VII – o absolutismo do poder temporal, ligado às Igrejas;
- VIII – o início das reações contra o Absolutismo, com a Renascença das artes, ciências e letras, nos fins do século XV;

A Espiritualidade Superior aguardou o momento adequado para o cumprimento da promessa do envio do Consolador

- IX – o início da Reforma, no começo do século XVI;
- X – o Iluminismo e suas consequências importantes (séculos XVII e XVIII);
- XI – a conquista das liberdades, com a Independência dos Estados Unidos (1776) e a Revolução Francesa (1789), nos fins do século XVIII.

...

Torna-se claro e evidente, para qualquer observador atento, que so-

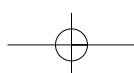
mente após a conquista, pelos próprios homens, das liberdades essenciais – liberdade de pensamento, de expressão, de reunião – que a Revolução Francesa conquistou à custa de muitos sacrifícios, derrubando o absolutismo dos reis, imperadores e potentados e a imposição religiosa aliada aos poderes temporais –, seria possível a vinda e permanência no mundo da Doutrina Consoladora.

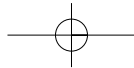
Desde os primeiros tempos do Cristianismo, quando começaram os desentendimentos interpretativos da Mensagem do Cristo, com os dogmas impróprios que acabaram prevalecendo sobre os ensinamentos do mestre Incomparável, a Espiritualidade Superior aguardou o momento adequado para o cumprimento da promessa do envio do Consolador.

Se tivesse vindo antes da época oportuna, não teria sobrevivido às perseguições e imposições dos detentores dos poderes governamentais e religiosos, aliados entre si.

Comprovação dessa afirmativa são os fatos históricos ocorridos com os cristãos do século IV, que, de perseguidos, ou exterminados nos circos romanos, passaram a perseguidores, aliados aos detentores do poder, desde Constantino.

Outras provas claras da inviabilidade da presença do Consolador no mundo, antes da época escolhida, são a exterminação completa dos cátaros, no sul da França, pelo fato de cultivarem o Cristianismo baseado somente no Evangelho de S. João, nos Atos dos Apóstolos e em algumas Epístolas, e as perseguições dos judeus, dos hereges e de todos os que divergissem das crenças e dos dogmas instituídos, levados às fogueiras e às prisões, sem meios de defesa, como





ocorreu com João Huss, o futuro Allan Kardec.

A declaração da Independência dos Estados Unidos da América, o triunfo da Revolução Francesa, com o dístico “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” e as novas organizações sociais em todo o mundo constituem o início de uma nova etapa na evolução da Humanidade.

É justamente quando se firmam princípios essenciais para o desenvolvimento da vida humana neste planeta, ultrapassados milênios de obscurantismo e cerca de 1.800 anos desde a vinda de Cristo, que a Espiritualidade Superior resolve planejar e executar a vinda do outro Consolador prometido pelo Governador do Orbe.

Esse planejamento começa justamente com a consolidação dos princípios libertadores conquistados, e com o renascimento, na França, do missionário escolhido para a difícil missão.

Hippolyte Léon Denizard Rivail, o futuro Allan Kardec, o “lúcido discípulo do Cristo”, no dizer de Emmanuel, renasce a 3 de outubro de 1804.

Nesse mesmo ano, em dezembro, outro missionário que viera com outras tarefas específicas, mas que infelizmente falhara em parte da missão, aprovava o novo Código Civil Francês, o denominado “Código Napoleônico”, que serviria de modelo e inspiração para a legislação civil dos povos ocidentais, pon-do fim a leis iníquas e injustas que provinham da Idade Medieval.

Mas, justamente na época escolhida pelo Alto para a vinda do Consolador, com base na liberdade conquistada com enormes sacrifí-

cios, surgem na Europa algumas filosofias e doutrinas de fundamentação materialista, que seriam opositoras naturais do Espiritualismo em geral e do Espiritismo, em particular.

Assim é que no século XIX, o denominado “século das luzes”, surge o Positivismo, de Augusto Comte, o Materialismo histórico-dialético, de Karl Marx, e o Utilitarismo, de Bentham e John Stuart Mill, que tiveram e ainda têm grande influência em todo o mundo.

É exatamente quando surgiram e se expandiram as doutrinas materialistas, no século XIX, que o Consolador é enviado pelo Cristo

As religiões tradicionais, com seus desvios e dogmas impróprios, viram-se impotentes para combater a onda materialista que avassalou o mundo, até os nossos dias.

O Consolador, a Doutrina Consoladora e Esclarecedora, o Espiritismo, cumpre perante os homens a promessa do Cristo, de lembrar os ensinamentos do Mestre, no seu verdadeiro sentido, reti-

ficando os desvios ocorridos e de trazer coisas novas ao conhecimento geral, especialmente no que se refere a Deus, ao Cristo, o Governador do Orbe Terrestre, à vida espiritual, às leis divinas ou naturais, às quais está sujeita toda a Criação divina.

A Doutrina Consoladora não só desvenda a vida nos mundos espirituais, retificando conceitos de céu, inferno e purgatório criados pelas religiões tradicionais. Mostra que a vida espiritual é eterna, regida por leis divinas justas e perfeitas, e se desdobra pelos mundos em número infinito no Universo.

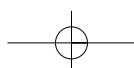
É exatamente quando surgiram e se expandiram as doutrinas materialistas, no século XIX, que o Consolador é enviado pelo Cristo.

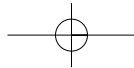
Torna-se evidente que esse fato, essa coincidência, somados à conquista da liberdade, foram fatores decisivos para a escolha da época da vinda do Consolador.

Se, por um lado, o materialismo multifário espalhava-se pelo mundo, favorecido pela liberdade já consolidada, a partir de 1848, ano do *Manifesto Comunista*, as manifestações e fenomenologia espíritas fazem-se presentes, chamando a atenção dos americanos para fatos inusitados que reclamavam explicação plausível.

As mesas girantes e falantes, tanto na América quanto na Europa, foram a forma seguinte de despertar a atenção dos homens para o mundo espiritual.

Era a primeira meta visada pela Espiritualidade Superior dentro de uma planificação hoje evidente. >





Seguir-se-ia a segunda fase do projeto superior, com a explicação racional e segura da fenomenologia, que sempre existiu, e que serviria de base factual para a Grande Revelação de que carecia a Humanidade.

É nessa fase, a partir de 1855, que tem início a atuação do missionário Allan Kardec, “o lúcido discípulo do Cristo”, para a realização da “obra de sua vida”, como a ela se referiu.

Essa obra é a Doutrina Espírita, o Consolador prometido por Jesus.

Desdobra-se e consolida-se nos cinco livros da denominada Codificação Espírita, escritos por Allan Kardec com a cooperação e assistência permanente dos Espíritos Superiores, à frente o Espírito de Verdade, a mesma referência feita pelo Mestre Jesus, no item 17 do cap. 14 do Evangelho de João.

...

São muitas as fontes de remissão, de referências e de esclarecimentos que se encontram nas obras espíritas que serviram de base para este trabalho.

Vamos transcrever algumas, para facilidade dos leitores que pretendam aprofundar-se nos assuntos aqui tratados.

O Livro dos Espíritos

“Prolegômenos”

“Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal e que, sendo eles os ministros de Deus e os agentes de sua vontade, têm por missão instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade.”

Questão 799. “*De que maneira pode o Espiritismo contribuir para o progresso?*”

Resp. – “Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses. Deixando a vida futura de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que, por meio do presente, lhe é dado preparar o seu futuro. Abolindo os prejuízos de seitas, castas e cores, ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos.”

A Gênese

“Caráter da Revelação Espírita”

“30 – O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é conseqüência direta da sua doutrina. À idéia vaga da vida futura, acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e com isso precisa a crença, dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade à idéia. Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte. Pelo Espiritismo, o homem sabe donde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e vê por toda parte a justiça de Deus.

Sabe que a alma progride incessantemente, através de uma série de existências sucessivas, até atingir o grau de perfeição que a aproxima de Deus. Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de origem, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir, em virtude de seu livre-arbítrio;

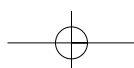
que todas são da mesma essência e que não há entre elas diferença, senão quanto ao progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão a mesma meta, mais ou menos rapidamente, pelo trabalho e boa vontade.

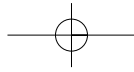
Sabe que não há criaturas deserdadas, nem mais favorecidas umas do que outras; que Deus a nenhuma criou privilegiada e dispensada do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que os que se designam pelo nome de *demônios* são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no espaço, como o praticavam na Terra, mas que se adiantarão e aperfeiçoarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres à parte na criação, mas Espíritos que chegaram à meta, depois de terem percorrido a estrada do progresso; que, por essa forma, não há criações múltiplas, nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação deriva da grande lei de unidade que rege o Universo e que todos os seres gravitam para um fim comum que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, visto serem todos filhos das suas próprias obras.”

Obras Póstumas

“Liberdade...”

“(...) A liberdade sem a fraternidade é rédea solta a todas as más paixões, que desde então ficam sem freio; com a fraternidade, o homem nenhum mau uso faz da sua liberdade: é a ordem; sem a fraternidade, usa da liberdade para dar curso a todas as suas torpezas: é a anarquia, a licença.” ■





Terapia do Perdão

É imperioso e mesmo urgente o impositivo do perdão incondicional, de modo que a paz se estabeleça por definitivo na consciência humana.

Enquanto vicejam os sentimentos de desforço, de animosidade, de rebeldia em relação a pessoas ou a acontecimentos perturbadores, também permanecem os distúrbios da emoção que afetam a saúde fisiológica e o comportamento.

Por mais graves hajam sido as ofensas e agressões sofridas, sempre mais infeliz é aquele que aos demais perturba, mesmo que, conscientemente, não tenha idéia da gravidade sobre a conduta infeliz.

Compreensivelmente, aquele que é ofendido se crê no direito de justificar-se, demonstrando o erro que o outro cometeu em relação à sua pessoa, ou, pelo menos, reservar-se, permanecer a distância, mantendo o ressentimento que decorre da injustiça de que se vê vítima.

Tal postura, no entanto, somente lhe trará aborrecimentos e perturbações, porque terminará por desequilibrá-lo.

Qualquer tipo de ressentimento preservado transforma-se em morbo que afeta aquele que o conduz, ao tempo em que vitaliza a ocorrência infeliz, mantendo-a sem-

pre presente na memória e na emoção.

Da mesma forma como se torna difícil esquecer a ocorrência danosa, o que exige um grande esforço da vontade, a sustentação da mágoa somente lhe piora os efeitos no sistema emocional.

O ódio, o ressentimento, o medo, o ciúme, o remorso afetam poderosamente o organismo, embora a sua procedência emocional.

**Perdoa todos
quantos te ofendem,
sem manter qualquer
tipo de ressentimento
em relação ao mal
que pensaram
fazer-te**

As altas cargas vibratórias danosas que são atiradas pela mente no sistema nervoso central irão afetar o aparelho circulatório com resultados negativos para o respiratório, ao tempo em que as glândulas endócrinas serão prejudicadas pelas energias captadas, encaminhando-as ao sistema imunológico que se desestrutura.

Grande número de enfermidades orgânicas e transtornos psicoló-

gicos procede dos sentimentos atribulados.

Há pessoas que sabem manipular palavras e situações com habilidade felina, quando desejam prejudicar a outrem. São pusilânimes e insensíveis a tal ponto que se fazem acreditadas, arquitetando planos danosos que executam com naturalidade, comprazendo-se em infelicitar todo aquele a quem não conseguem suplantar.

Quando se fazem inimigas de alguém, são estimuladas na perversidade que lhes constitui os sentimentos vis, mentindo e caluniando com naturalidade, de forma que os objetivos que perseguem sejam alcançados.

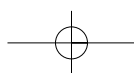
Quase sempre preferem inimizadas a afetos, discussões infundáveis e perturbadoras a conciliação e paz, urdindo intrigas em que se comprazem, quando poderiam silenciar acusações indébitas e esforçar-se por manter contatos saudáveis.

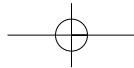
São enfermos graves da alma que ignoram as doenças ou preferem continuar nesse estágio ainda primário da evolução.

Qualquer tipo de revide às suas agressões somente lhes constituirá estímulo mórbido para que prossigam na infame conduta.

...

Perdoa todos quantos te ofendem, sem manter qualquer tipo de ressentimento em relação ao mal que pensaram fazer-te. ➤





Se considerares a agressão que te foi dirigida como sendo uma experiência de que necessitavas para evoluir, permanecerás invulnerável às suas sórdidas conseqüências. Todavia, se te permitires intoxicar pelas vibrações que dela decorrem, ficarás vinculado àquele que prefere afligir-te, ante a impossibilidade que sente de amar-te.

Perdoa sempre, porque os maus e infelizes, quando detestam e malsinam o seu próximo, não sabem o que estão fazendo.

Volverão, hoje ou mais tarde, pelos caminhos ora percorridos, recolhendo os cardos da sua loucura e perversidade, que se lhes cravarão *nas carnes da alma*, convidando-os ao ressarcimento.

O odiento perdeu o endereço da vida e desgarrou-se da esperança, jornadeando sem rumo e em desolação.

Aflige os demais porque se encontra aturdido, e os seus momentos de infelicidade são transformados em agressões que aparentemente o tranqüilizam, levando-o a esgares que são confundidos com sorrisos de vitória.

Não acreditando nos valores morais que lhe são escassos, não respeita o próximo, aquele que defronta em toda parte, tornando-se-lhe adversário insano.

Estremunhado, em face dos desajustes que experimenta, deseja nivelar todos os demais nos patamares inferiores em que se detém.

Evitando esforçar-se para evoluir, pensa que essa é a única atitude que pode tomar como mecanismo de desforço contra a vida e as criaturas que constituem a sociedade, que infelizmente antagoniza.

Deslocou-se do conjunto social por inferioridade que se reconhece possuir, no entanto, investe contra o grupo, projetando a imagem atormentada que pensa irá inspirar pavor, porque é incapaz de entregar-se ao amor.

Torna-se instrumento das Forças do Mal que o utilizam para dar campo ao funesto plano de perseguição às criaturas humanas, gerando lamentáveis processos de obsessão individual e coletiva.

Pessoas desse porte são encontradas amiúde, em toda parte, desde o grupo familiar ao social, na esfera das atividades profissionais como nos labores da arte, da investigação científica, das diversões, porque se encontram em estágio inferior da evolução. Embora algumas apresentem-se bem vestidas, falando com entusiasmo e correção de linguagem, sendo bem apessoadas, o que importa é o seu mundo interior, são as suas aspirações e ânsias de progresso, de destaque, de dominação que, não tornadas realidade, transformam-nas em algozes de indivíduos que lhes experimentam a sanha ou dos grupos em que se movimentam.

Perdoa todo tipo de ofensa e de ofensores, de difamadores, de sequeles do mal. Eles não merecem as tuas preocupações nem os teus sofrimentos.

Tens compromissos mais valiosos com a Vida, para perderes tempo com mesquinhas inevitáveis do processo evolutivo.

Fita os altiplanos morais e avança conquistando os espaços desafiadores.

Quem teme tempestades morais não consegue fortalecer-se para as lutas do progresso espiritual.

O teu adversário é também a tua chance de superação de melindres, de paixões egóicas, das pequenezes que te assinalam a existência.

Nunca cedas ao mal, descendo ao nível dos maus. Se os consideras infelizes, atrasados, melhor razão para que te detenhas em patamar espiritual mais elevado, descendo somente para ajudá-los e não para competir com eles nos estranhos comportamentos que assumem.

Perdoar não significa concordar com o ato infame nem com a pessoa desatinada. Constitui o ato de não revidar com o mesmo mal, aquele que lhe é dirigido, permanecendo em melhor situação emocional do que o seu antagonista e em paz.

...

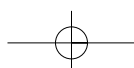
Jesus, o Psicoterapeuta por excelência, quando lecionou o perdão indistinto, incondicional, permanente, propôs um dos mais formosos procedimentos proporcionador de saúde e de harmonia pessoal.

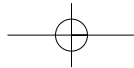
Ele tornou-se exemplo do perdão amoroso, não anuindo com o crime de que era vítima, também não estigmatizando seus algozes com reproche ou censura.

O perdão é medicamento valioso para sarar as *feridas da alma* e instalar áreas de bem-estar e de bem-estar na mente e na emoção.

Joanna de Ângelis

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na noite de 23 de junho de 2004, em Beijing, China.)





Os limites da transgressão

Carlos Abranches

Foi-se o tempo que transgressor era a pessoa que saía pela cidade pichando muros, desrespeitando normas e infringindo as regras da boa convivência. Alguns faziam isso por pura rebeldia juvenil; outros, por impulso ao crime.

Agora, está em voga a transgressão virtual. Uma entrevista publicada pela revista *Época* de janeiro de 2005 revela que jovens de 14 a 19 anos optaram por ser pichadores de páginas da Internet. Os *hackers* brasileiros são, inclusive, campeões mundiais na capacidade de causar dores de cabeça aos administradores de *sites*.

A reportagem revela que eles normalmente não roubam nada nem apagam arquivos importantes. Querem apenas aparecer ou impressionar a namorada e acabam invadindo *sites* de corporações ou órgãos governamentais, desconfigurando os *layouts* e deixando no lugar mensagens de amor ou de protesto.

O que nos importa tratar nesta página é o limite da transgressão. É analisar o fato de que basta um “empurrãozinho” da vontade invigilante para que um menino desses passe a usar a inteligência para roubar lista de senhas bancárias e gaste

o dinheiro dos outros, sacando o que não lhe pertence e tornando-se um criminoso como os ladrões comuns, que fazem o mesmo assaltando um banco ou uma pessoa.

...

Um segundo aspecto do tema merece abordagem. É a prática do que se costuma chamar de transgressão leve, ou um *quase crime*, que dependendo do jeito que é visto e tolerado, passa a ser tão corriqueiro que aquele que o faz nem percebe que o pratica e que isto já virou hábito.

O problema desses “minidELITOS” é que eles são contagiosos. Muita gente não faz porque acha errado, mas quando vê um outro fazendo, sente-se como que autorizado a também fazer.

O jornalista norte-americano Michael Kepp, autor de um artigo sobre esse assunto*, define bem em que situações os “miniabusos” se transformam em impulsos para um delito mais grave.

É o barulho do jovem em casa para incomodar os vizinhos, o uso da calçada como depósito de lixo, é

a “furada” de fila no show para entrar logo e ver o espetáculo, mesmo que à custa dos que ficaram para trás.

O autor conta que ficou particularmente indignado com um casal que pediu a um conhecido, que se encontrava justamente à frente dele na fila, durante o intervalo de uma peça, que comprasse comes e bebes para ambos.

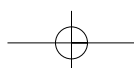
Kepp disse que o fura-fila o irritou não só porque ele demorou mais para ser atendido, mas também porque o segundo ato estava para começar. No texto, ele ainda questiona: “Qual é a diferença de um casal como esse para os motoristas que me ultrapassam pelo acostamento nas estradas e depois furam a fila, atrasando a minha viagem? E que dizer daqueles motoristas que ‘costuram’ atrás das ambulâncias?”

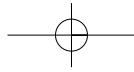
...

Há exemplos mais graves de infrações que usualmente são consideradas por seus agentes como de menor importância, e que por isso continuarão sendo feitas. É o caso dos que usam drogas e não percebem que o simples consumo de qualquer uma delas em uma festa (“só pra descontrair”) os vincula tanto à rede de consumo quanto ao traficante e à bala perdida, que in-festa a paz de milhões de pessoas.

Michael Kepp reforça a lem-

* Michael Kepp escreveu o livro de crônicas “Sonhando com Sotaque – confissões e desa-bafos de um gringo brasileiro” (Ed. Record). O artigo a que me refiro foi publicado na Folha de S.Paulo de 26 de agosto de 2004, sob o título A mania nacional da transgressão leve.





brança do roubo de “lembrancinhas” – de toalhas e cinzeiros de hotéis a cobertores de companhias aéreas, como “pequenos delitos” cometidos por impulso de aventura, que obrigam as empresas a onerar um pouco mais os custos da hospedagem e das viagens aéreas para compensar as perdas com esses deslizes de seus clientes.

Quantos já não passaram pela situação de ter recebido por engano uma nota de R\$50,00 em vez da correta de R\$10,00 e pensou em não denunciar o erro do caixa, que depois vai ter de repor o equívoco, prejudicando o próprio suado rendimento no fim do mês?

Quando era criança, costumava ver que ao entrar nos ônibus, boa parte dos meninos de meu bairro passava por debaixo da roleta e pagava ao trocador Cr\$1,00 em vez dos Cr\$1,80 da passagem a ser paga (moeda da época). Kepp questiona se esse tipo de suborno não é igual a pagar à polícia uma propina para se safar.

...

Relembro meu pai, afirmando-me que aceitar um real ou um milhão de suborno tem diferença só no volume de dinheiro, mas o sentido moral da corrupção é o mesmo. Ambos foram aceitos por quem aceitou se vender.

O desleixo da pessoa com sua conduta ética acaba sendo outro estímulo à consolidação de uma tendência às pequenas infrações. É o que o pastor batista G. D. Boardman afirma, ao dizer: “Semeia um ato, ceifarás um hábito; semeia um hábito, ceifarás um caráter; semeia um caráter, ceifarás um destino.”

O que mais impressiona nas

pessoas que agem dessa forma é que elas sempre têm uma justificativa para explicar por que fazem assim. É o exemplo dado pelo empresário que colocou à venda o carro seminovo por um preço de tabela, mas sem dizer ao futuro comprador que aquele mesmo veículo fora muito bem recuperado por um lanterneiro, que camuflou direitinho a batida forte que lhe alterou o chassi e pode provocar a morte do novo dono. Para ele, o que vale é recuperar ao máximo o investimento feito anteriormente.

...

O estudo sério da Doutrina Espírita ajuda a esclarecer bem como a pessoa pode trabalhar sua postura diante dessas ocorrências do cotidiano, orientando-a a portar-se com dignidade e inteireza, não ce-

**É preciso ser firme
para resistir à
vontade de querer
tirar vantagem
das situações de
uma ou de outra
maneira. Para
Kepp, dizer “não”
a elas beneficia
a sociedade como
um todo**

dendo ao conceito de que pequenas transgressões podem ser cometidas e que só as grandes devem ser evitadas.

Na realidade, tudo está interligado, e o homem está na vida para vencer justamente essas pequenas tendências de hoje, que possivelmente ontem predominavam no conjunto geral do caráter.

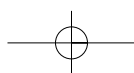
Conheço pessoas extremamente caridosas, mas que ainda não conseguiram superar a inclinação de furtar pequenos objetos em supermercados. Há os que trabalham incansavelmente no serviço do bem, mas ainda carregam a fraqueza de oprimir os familiares com a soviniça injustificável na administração do dinheiro de casa.

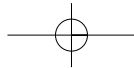
Difícil julgar nesses casos. O melhor é analisar para se chegar a opiniões amadurecidas e claras quanto à conduta ética do espírita.

Apesar da tentação de se querer cometer pequenos deslizes, é preciso ser firme para resistir à vontade de querer tirar vantagem das situações de uma ou de outra maneira. Para Kepp, dizer “não” a elas beneficia a sociedade como um todo.

Para nós, espíritas em busca da dignificação integral do ser, o caminho é não aceitar as alternativas fáceis e nem sempre éticas, oferecidas por um mundo interessado em levar vantagem em tudo.

Nosso propósito pode e deve ser o de usar a medida justa de nossas convicções para agir com acerto e coerência íntima, confirmando em atos que a escolha da religião que nos orienta foi, para nós, como ter encontrado a bússola moral a nos guiar nestes tempos de difícil viver. ■





ENTREVISTA: HONÓRIO ONOFRE DE ABREU

Vibrações do Bicentenário do Codificador alcançam o coração dos espíritas

Honório Onofre de Abreu, Presidente da União Espírita Mineira, considera que o Bicentenário de Allan Kardec coincide com maior consciência de quanto nos responsabilizamos pelo fortalecimento e expansão do Movimento Espírita

P. – Há quanto tempo você atua no Movimento Espírita?

Honório – A presente reencarnação nos presenteou com o conhecimento espírita quando ainda mais jovem. Na década de 1950 começamos a nos inteirar da obra de Allan Kardec, associada ao trabalho de Chico Xavier com sua vasta literatura, por nós, em boa parte apropriada.

Em 1957 fundamos em Belo Horizonte, juntamente com alguns companheiros, o Grupo Espírita Emmanuel, dedicado ao estudo e prática do Espiritismo, sempre com um cuidado especial com o Evangelho de Jesus, já compreendido como fundamento reeducacional do ser.

P. – Você sempre esteve envolvido com o estudo das Obras Básicas?

Honório – Sem dúvida. Desde cedo pudemos compreender o alcance da obra de Allan Kardec, da qual não nos afastamos em momento algum, cultivando-a por chave libertadora do Evangelho, até então atado ao dogmatismo. Permitimo-nos registrar nosso esforço levado a efeito em todo esse tempo, na elaboração



Honório Onofre de Abreu

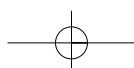
de trabalhos que pudessem auxiliar a quantos se aproximassem da Doutrina, ajudando-os na apropriação de seu conteúdo doutrinário, amplamente utilizados, e que hoje cedem o seu terreno ao Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), abençoado roteiro implementado pela FEB, também por nós adotado e divulgado com o maior empenho.

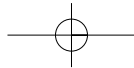
P. – Há um trabalho específico que realizou para contribuir com a interpretação de O Evangelho segundo o Espiritismo?

Honório – Durante vários anos investimos no estudo minucioso do Evangelho à luz da Doutrina Espírita, inspirados na lucidez e lógica de Emmanuel no trato da mensagem de Jesus, surgindo daí diversas reuniões com esta finalidade. De tais grupos emergiram preciosos registros que sob nossa coordenação foram reunidos, dando origem à edição do livro *Luz Imperecível*, através da União Espírita Mineira, obra que vem auxiliando os aprendizes e trabalhadores da Terceira Revelação, no que reporta a um mais profundo entendimento da Boa Nova, em suas frentes operacionais.

P. – Como avalia o atual estado da difusão das Obras de Allan Kardec?

Honório – Desde muito, trabalhando ao lado de outros tantos companheiros, para que Kardec chegue efetivamente ao coração dos espíritas, notamos que esta proposta ainda não tem alcançado a meta ideal. O conhecimento horizontal informativo, apenas o aspecto consolador e de esperança de *O Evangelho segundo o Espiritismo* e o sentido da caridade, em sua expressão





periférica, têm sido os pontos de referência de muitos.

A pergunta sugere nossa reflexão quanto ao papel da Unificação neste contexto. Digno de registro o empenho dos órgãos como a FEB e as Federativas estaduais na extensão do território nacional, priorizando o conhecimento da essência doutrinária por parte de quantos se aproximam do Movimento Espírita a cada instante ou já operam em sua difusão.

P. – Como se envolveu nos trabalhos de Unificação?

Honório – Desde o primeiro momento de nossa ligação com a Doutrina Espírita sentimos, de modo quase que “inato” a necessidade de operar nas áreas de aproximação da família espírita. Uma das metas propostas pelo nosso Grupo Espírita Emmanuel desde sua fundação, em 1957, foi a de prestar à União Espírita Mineira constante apoio, cooperando cada qual, na pauta de suas possibilidades pessoais, para o êxito de seu trabalho no Estado e junto de nossa querida Federação Espírita Brasileira.

Durante vários anos acompanhamos como simples colaborador o trabalho junto às lideranças espíritas em Minas Gerais e outros Estados. O mesmo ocorrendo quando nas funções de diretor do Departamento para Assuntos de Unificação da UEM. Há dois anos a bondade do Alto julgou por bem nos investir na direção da Federativa Mineira, tarefa que temos procurado exercer com o mesmo critério e ideal cultivado por todo esse tempo.

P. – Ao ensejo do Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec, que ação considera prioritária para favorecer a difusão doutrinária?

Honório – Cumprida a primeira etapa do advento do Espiritismo, quando ao Brasil coube mais amplamente trabalhar seu conteúdo doutrinário nos fundamentos do Evangelho e sob os auspícios da Caridade, as vibrações do Bicentenário do Codificador alcançaram o coração dos espíritas para muito além do júbilo exterior, de caráter humano.

Aos órgãos espíritas constituídos está afeta a grande responsabilidade de divulgar Kardec, com seriedade, coragem e responsabilidade. Aos que dirigem e integram tais órgãos, cabem a capacidade de testemunho e a quebra do personalismo como já aprendemos na história do próprio Cristianismo nascente.

O avanço tecnológico tem favorecido este trabalho, no entanto, tem sido instrumento de muito

material que em nada edifica senão conturba, impedindo a difusão do legítimo conteúdo que deve alcançar, com urgência, as almas dos cansados e oprimidos.

O Bicentenário, que coincide com uma maior consciência de quantos nos responsabilizamos pelo fortalecimento e expansão do Movimento Espírita, sugere e espera a ação segura de dirigentes, médiuns, expositores e de nossas entidades, maior investimento nas áreas que apontam ou propõem a verticalização do conhecimento adquirido na instauração da ação renovadora consciente proposta pelo Cristo e reafirmada pela Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, o qual registra, sem qualquer dúvida ou artifício, que o verdadeiro espírita será reconhecido pela sua transformação moral. ■

Mão divina

A luz da mão divina sempre desce,
Misericordiosa e compassiva,
Sobre as dores da pobre alma cativa,
Que está nas sendas lúcidas da Prece.

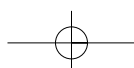
Se a amargura das lágrimas se aviva,
Se o tormento da vida recrudescer,
Aguardai a abundância da outra messe
De venturas, que é da alma rediviva.

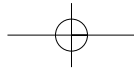
Confiando, esperai a Providência
Com os sentimentos puros, diamantinos,
Lendo os artigos ríspidos da Lei!

Os filhos da Piedade e da Paciência
Encontrarão nos páramos divinos
A paz e as luzes que eu não alcancei.

Antero de Quental

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Parnaso de Além-Túmulo*. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 92. Edição Comemorativa – 70 Anos.





PRESENÇA DE CHICO XAVIER

O Espiritismo na atualidade

O Espiritismo, nos tempos modernos, é, sem dúvida, a revivência do Cristianismo em seus fundamentos mais simples.

Descerrando a cortina densa, postada entre os dois mundos, nos domínios vibratórios em que a vida se manifesta, mereceu, desde a primeira hora de suas arregimentações doutrinárias, o interesse da ciência investigadora que procura escravizá-lo ao gabinete ou ao laboratório, qual se fora mera descoberta de energias ocultas da natureza, como a da eletricidade, que o homem submete ao seu bel-prazer, na extensão de vantagens ao comodismo físico.

Interessada no fenômeno, a especulação analisa-lhe os componentes, acreditando encontrar, no intercâmbio entre as duas esferas, nada mais que respostas a velhas questões de filosofia, sem qualquer consequência de ordem moral, na experiência humana.

Erra, todavia, quem se norteia por essas normas, de vez que o Espiritismo, positivando a sobrevivência além da morte, envolve em si mesmo vasto quadro de ilações, no campo da ética religiosa, constringendo o homem a mais largas reflexões no campo da justiça.

Não cogitamos aqui de dogmática, de apologetica ou de qual-

quer outro ramo das escolas de fé em seus aspectos sectários.

Não nos reportamos a religiões, mas à Religião, propriamente considerada como sistema de crescimento da alma para celeste comunhão com o Espírito Divino.

Desdobrando o painel das responsabilidades que a vida nos confere, o novo movimento de revelação implica abençoado e compulsório desenvolvimento mental.

A permuta com os círculos de ação dos desencarnados compele a criatura a pensar com mais amplitude, dentro da vida.

Novos aspectos da evolução se lhe descortinam e mais rico material de pensamento lhe enriquece os celeiros do raciocínio e da observação.

Entretanto, como cada recipiente guarda o conteúdo dessa ou daquela substância, segundo a conformação e a situação que lhe são próprias, a Doutrina Renovadora, com os seus benefícios, passa despercebida ou escassamente aproveitada pelos que se inclinam às discussões sem utilidade, pelos que se demoram no êxtase improdutivo ou pelos que se arrojam aos despeñhadeiros da sombra, companheiros ainda inaptos para os conhecimentos de ordem superior, trazidos à Terra, não para a defesa do egoísmo ou da animalidade, mas sim para a espiritualização de todos os seres.

De que nos valeria a prodigiosa descoberta de Watt, se o vapor não fosse disciplinado, a benefício da civilização? que faríamos da eletricidade, sem os elementos de contenção e transformação que lhe controlam os impulsos?

No Espiritismo fenomênico, somos constantemente defrontados por aluviões de forças inteligentes, mas nem sempre sublimadas, que nos assediam e nos reclamam.

Aprendemos que a morte é questão de seqüência nos serviços da natureza.

Reconhecemos que a vida estua, ao redor de nossos passos, nos mais variados graus de evolução.

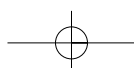
Daí o impositivo da força disciplinar.

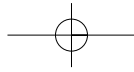
Urge o estabelecimento de recursos para a ordenação justa das manifestações que dizem respeito à nova ordem de princípios que se instalam vitoriosos na mente de cada um.

E, para cumprir essa grande missão, o Evangelho é chamado a orientar os aprendizes da ciência do espírito, para que, levianos ou desavisados, não se precipitem a imensos resvaladouros de amargura ou desilusão.

Emmanuel

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Roteiro*. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, cap. 22, p. 95-97.





Os sinais do Reino

Richard Simonetti

Mateus, 24:32-44
Marcos, 13:28-37
Lucas, 21:29-36

No chamado *Sermão Profético*, Jesus fala de acontecimentos marcantes, envolvendo o futuro dos judeus.

E adverte:

Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabereis que é chegada a sua desolação.

Então, os que estiverem na Judeia, fujam para os montes, os que estiverem no meio da cidade, saiam, e os que estiverem nos campos não entrem nela.

Mas ai das grávidas, e das que criarem naqueles dias. Haverá grande aperto na terra e ira sobre este povo.

Cairão ao fio da espada, e para todas as nações serão levados cativos. Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos deles se completem.

Efetivamente, no ano setenta, trinta e sete anos após a crucificação, o general romano Tito, para acabar de vez com a rebeldia daquele povo altivo, que resistia ao domínio de Roma, invadiu com seus exércitos a Palestina e arrasou o país, expulsando os judeus, que se espalharam pelo mundo.

Em Jerusalém, como previu Jesus, Tito, literalmente, não deixou pedra sobre pedra, destruindo, in-

clusive, o famoso Templo de Salomão, do qual resta hoje apenas um pedaço do muro enorme que o cercava.

É conhecido como o *muro das lamentações*, porquanto, antes da criação do Estado de Israel, quando visitavam a cidade reconstruída, os judeus choravam pela *diáspora*, a sua dispersão.

...

Jesus fala das atribulações que enfrentariam os cristãos na divulgação da mensagem, perseguidos, caluniados, torturados, ante as manifestações da incompreensão humana.

Estimula-os a serem firmes, conscientes de que estariam habilitados às bem-aventuranças celestes.

Reporta-se ainda ao futuro, anunciando o advento do Reino Divino:

Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas.

Na terra as nações ficarão angustiadas, e perplexas pelo bramido do mar e das ondas.

Homens desmaiarão de terror, na expectativa das coisas que sobrevirão ao Mundo, pois os corpos celestes serão abalados.

Então verá o filho do homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória.

Quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima.

Trechos assim fazem o deleite dos fundamentalistas bíblicos, pessoal que gosta de brandir a Bíblia sobre as nossas cabeças, como uma clava divina a verberar o pecado.

Ao longo dos séculos, pregadores exaltados, proclamando-se inspirados pelas potestades celestes, têm assustado seus ouvintes com esses maus augúrios, como se tudo estivesse prestes a acontecer. E recomendam, enfáticos, que se cuidem os fiéis para não serem colhidos pelas chamas do inferno.

A Primeira Guerra Mundial, em 1914, foi prato cheio para os fundamentalistas, a proclamarem o Apocalipse, o fim do Mundo e o advento do Reino de Deus.

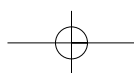
O mesmo aconteceu na Segunda Guerra Mundial, em 1939.

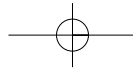
Na virada do milênio, a mesma idéia.

Ainda hoje, seitas aferradas à letra, sem discernir o espírito da mensagem evangélica, falam da confusão do Mundo, envolvendo drogas, vícios, guerras, e catastróficos fenômenos naturais – maremotos, terremotos, ciclones, enchentes –, como um anúncio do final dos tempos e do juízo final.

Esquecem ou ignoram que tudo isso tem acontecido desde que se formaram os primeiros agrupamentos humanos. E já foi até pior, como tem sido demonstrado por pesquisadores.

Nos séculos passados, a par dos fenômenos naturais arrasadores, doenças graves dizimavam multi-





dões, a criminalidade era mais ampla e incontrolável, campeavam os vícios...

Basta lembrar que a expectativa de vida não chegava aos quarenta anos. Hoje está perto dos setenta no Brasil. Ultrapassa os oitenta, em países desenvolvidos.

Um detalhe: é pouco provável que Jesus tenha falado assim.

Não era o seu jeito, a sua maneira de ser.

Não eram essas as expressões que usava.

A dramaticidade que vemos no texto evangélico fica por conta dos próprios evangelistas ou dos copistas, sob inspiração do espírito apocalíptico do Velho Testamento.

...

No desdobramento de suas considerações, e no contexto da vinda do Reino, Jesus usa uma imagem, que o evangelista Marcos situa como *a parábola da figueira*:

Olhai a figueira.

Quando vedes que as suas folhas começam a brotar, sabeis por vós mesmos que o verão está próximo.

Assim, também, quando virdes estas coisas acontecerem, sabeis que o reino de Deus está perto.

Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isso aconteça.

Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não hão de passar.

Mas a respeito daquele dia e hora, ninguém sabe, nem os mensageiros dos céus, nem o Filho, senão o Pai.

Acautelai-vos por vós mesmos, para que não aconteça que os vossos corações se sobrecarreguem de

glotonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e aquele dia vos pegue de surpresa, como uma armadilha.

Vigiai em todo o tempo, e orai para que sejais havidos por dignos de escapar de todas estas coisas que hão de acontecer, e de estar em pé diante do filho do homem.

Haveria sinais do advento do Reino, ensina Jesus.

E fala da figueira. No Oriente Médio sabe-se que o verão está chegando quando a figueira lança seus brotos.

O Reino não será instalado na base de decretos. Será uma conquista coletiva, a partir do esforço individual

Da mesma forma os discípulos do Evangelho devem estar atentos aos sinais, anunciando a chegada do Reino.

E explica que *“não passará esta geração sem que tudo isso aconteça”*.

Bem, com exceção das previsões sobre a destruição de Jerusalém e das perseguições ao Cristianismo nascente, podemos dizer que se passaram múltiplas gerações, sem que o Reino Divino preconizado por Jesus se instalasse na Terra.

Teria havido um engano de Jesus?

Certamente, não!

O engano está na apreciação da expressão *geração*.

No sentido temporal, envolve um grupo de indivíduos nascidos em determinada época. Geração dos anos setenta, por exemplo.

Espiritualmente, define a coletividade de Espíritos que evoluem em determinado planeta.

Segundo notícias da Espiritualidade, a geração humana, a Humanidade, é composta de perto de vinte e cinco bilhões de Espíritos em evolução.

Cerca de um quarto dessa população, encarnados; os restantes, desencarnados.

É essa geração que não passará, como informa Jesus. Viveremos na Terra, envolvidos com as experiências na carne, até que se cumpram suas previsões, no advento do Reino de Deus.

...

Entendo que o Reino não será instalado na base de decretos.

Será uma conquista coletiva, a partir do esforço individual.

Acontecerá quando a Humanidade estiver cristianizada.

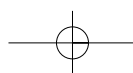
E esse é o problema. Estamos longe disso.

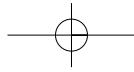
Um exemplo é suficiente.

Diz Jesus, no Sermão da Montanha (Mateus, 5:5):

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra.

Ficarão no planeta, no advento do Reino, os que houverem conquistado a mansuetude, o que significa que se isso ocorresse hoje, por decreto divino, nosso Mundo ficaria deserto. >





Estamos tão longe dela, que a palavra mansuetude guarda conotação pejorativa.

O marido que não mata a mulher ou a abandona quando traído, disposto a dar-lhe uma chance por amor aos filhos, é *brindado* com o adjetivo *manso*, precedido daquele substantivo que define o apêndice ósseo na cabeça dos bois.

Para aquele que não reage ao insulto com agressividade, manso é sinônimo de covarde, *sangue de barata*.

Por conservar a calma quando todos a perdem, o manso é considerado um sonso, sem iniciativa.

Por isso Jesus diz que só Deus sabe quando virá o Reino, porque somente o Criador pode definir quando a Humanidade criará juízo e se disporá a vencer a agressividade.

...

Nos caminhos do Reino, o primeiro passo, como recomenda Jesus, é vigiar e orar, para não nos envolvermos com o imediatismo terrestre.

Vigiar é cultivar a reflexão, confrontando os ideais evangélicos com nossa maneira de ser.

É algo que devemos fazer todos os dias, submetendo-nos ao juízo da consciência.

- Estamos mais calmos, mais serenos, mais dispostos a relevar as faltas alheias?
- Aprendemos a contar até dez, antes de reagir às contrariedades?
- Perdemos a mania de *dizer umas verdades* àqueles que nos

aborreçam, exercitando a compreensão?

- *Escovamos* a língua, eliminando palavrões e pornografias de nosso vocabulário?
- Evitamos adjetivos pejorativos diante de pessoas que se comprometem com o vício, o crime, o erro, encarando-os como irmãos necessitados de ajuda?
- Conseguimos falar de alguém durante alguns minutos, sem lembrar de seus defeitos?
- Somos severos conosco, e indulgentes com o próximo?
- Atendemos de boa vontade os necessitados de um modo geral, que cruzam o nosso caminho, sem críticas, sem menosprezo?
- Quando solicitados a colaborar em iniciativas que visam o bem-estar coletivo, nos serviços da filantropia, encontramos tempo para participar, e desprendimento para doar?

A par dessa vigilância que se exprime em reflexão, é preciso orar muito!

Exorar a ajuda divina para que superemos nossas tendências inferiores, partindo da mera teoria para a ação decidida em favor de nossa renovação.

Então, sim, estaremos no caminho certo, e teremos, em inefáveis sentimentos de paz, serenidade, alegria, bem-estar, os sinais mais evidentes de que o Reino está se instalando em nós. ■

Provérbios

Se desejas surpreender
A luz, a beleza e a paz,
Guarda o silêncio da língua
E muito perceberás.

Sê valoroso no esforço
Pela fé que te ilumina.
No mármore embrutecido
Repousa a estátua divina.

Se vives rogando à vida
Para que o ouro te ajude,
Não olvides que a riqueza
É a tentação da virtude.

Cresceste à frente do mundo?
Que a tua boca se cale.
A montanha, por mais nobre,
Tem alicerces no vale.

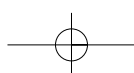
Quando julgares alguém
Na luta que te reclama,
Recorda que o lótus lindo
Vive puro sobre a lama.

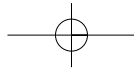
Se temes pardais e vermes,
Ventania, pedra e bruma,
Não arredes pé de casa,
Nem semeies coisa alguma.

Por roupas e exibições,
Não alongues teu capricho.
Depois do fausto, há museus
E o luxo procura o lixo.

Casimiro Cunha

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Gotas de Luz*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, cap. 22, p. 53-54.





A convivência amorosa

Aylton Paiva

“Qual a mais meritória de todas as virtudes?

Toda virtude tem seu mérito próprio, porque todas indicam progresso na senda do bem. Há virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento dos maus pendores. A sublimidade da virtude, porém, está no sacrifício do interesse pessoal, pelo bem do próximo, sem pensamento oculto. A mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade.” (Questão 893 de *O Livro dos Espíritos*.)

“Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam. — Porque, se somente amardes os que vos amam, que recompensa tereis disso? Não fazem assim também os publicanos? — Se unicamente saudardes os vossos irmãos, que fazeis com isso mais do que outros? Não fazem o mesmo os pagãos? — Sede, pois, vós outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial.” (Mateus, 5:44, 46-48, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 1, ed. FEB.)

Portanto, o exercício do amor ao próximo pressupõe a benevolência, a indulgência e o perdão das ofensas.

Também o Mestre Jesus estabelece como fundamental o amor ao próximo, até mesmo ao inimigo, nas relações interpessoais, conforme o texto citado.

Então, a convivência pacífica, justa e amorosa é fundamental para o nosso bem-estar e também do outro.

Esse comportamento adequado ou assertivo deve ser procurado, entendido e, sobretudo, praticado.

Falamos em amor ao próximo, mas é preciso definir, detalhar o que, em nossas ações comuns, no dia-a-dia, isso significa.

Como seres sociais, vivendo

em sociedade, necessariamente estabelecemos interações com pessoas, em diversos grupos; a começar da parentela familiar, no grupo de trabalho profissional, nas instituições religiosas, clubes, na rua, em lojas, repartições públicas.

É importante, então, que saibamos relacionar-nos bem, compreendendo o outro e desejando ser por ele compreendidos. Exercitando os nossos direitos como cidadãos e respeitando os mesmos direitos do próximo.

Para a vivência agradável e saudável, precisamos saber como nos comportar adequadamente.

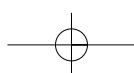
Nessa convivência, a todo momento, estamos sujeitos a avaliações e julgamentos que se manifestam como crítica ou maledicência.

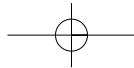
Há a crítica quando a pessoa pretende dizer-nos a verdade com real interesse em ajudar-nos; a maledicência, quando a pessoa não usa a verdade e simplesmente procura diminuir-nos, a fim de que ela se sinta superior a nós.

Quando alguém nos faz uma crítica desejando ajudar-nos, nem sempre sabemos ou queremos aceitar as observações apresentadas, porque o nosso orgulho não nos permite, visto ferirem a imagem superior idealizada que fazemos de nós mesmos.

Desequilibramo-nos emocionalmente, psiquicamente e até, às vezes, fisicamente quando não estamos preparados para receber a crítica. ➤

Tanto o Espiritismo como os Evangelhos demonstram a necessidade da virtude e nela a vivência do amor ao próximo como fundamental à convivência amorosa, e os Mentores Espirituais que orientaram a codificação da Doutrina Espírita exaltam, conforme visto na questão acima citada, a necessidade do exercício da Caridade e eles mesmos esclareceram como se conceitua a caridade: “Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.” (Questão 886 de *O Livro dos Espíritos*.)





Vale, então, buscarmos os ensinamentos da Doutrina Espírita, dos ensinamentos do Mestre Jesus nos Evangelhos, e também da Psicologia.

Psicólogos procuram detalhar para nós as habilidades de lidar com a crítica, para que possamos aceitá-la de maneira adequada:

ACEITAR:

1. **Permitir** que a pessoa exponha a sua crítica, sem interrompê-la.

Mesmo que em suas primeiras palavras você sinta algum desconforto emocional pelo que está ouvindo, achando que seja verdadeiro ou não, deixe que ela encerre completamente a sua fala;

2. **Prestar atenção** nos aspectos mais importantes da crítica.

Controle, da melhor maneira possível, o estado emocional para não “bloquear” o entendimento das palavras que está ouvindo;

3. **Concordar, total ou parcialmente**, com a veracidade da crítica.

Após permitir que a pessoa apresente a sua crítica e você tenha prestado atenção para avaliar o significado daquelas observações, poderá, então, concordar com tudo o que foi dito ou apenas parte do que lhe foi apresentado, manifestando, também, com a tranquilidade possível o seu grau de aceitação da crítica, na totalidade, em parte ou mesmo rejeitando as observações feitas;

4. **Agradecer** a pessoa pela sua preocupação e solicitar novas críticas.

Ao concordar com a crítica, na totalidade ou em parte, você sentirá que, efetivamente, o outro está querendo ajudá-lo. Está colaborando para o seu aperfeiçoamento como pessoa e Espírito. Merece, portanto, o agradecimento. Essa pessoa estaria manifestando, assim, amor por você.

Constatando a sua sinceridade e desejo em ajudá-la, você poderá, então, dizer-lhe que, quando achar oportuno, poderá fazer outras críticas;

5. **Desculpar-se** por comportamentos inadequados que foram objeto da crítica.

Se reconhecer o erro ou engano, praticado consciente ou inconscientemente, procure sinceramente desculpar-se, aproveitando a oportunidade para enriquecer a sua personalidade com as contribuições de verdades que recebeu;

6. **Manifestar intenção de mudanças** no comportamento inadequado.

Se houve reconhecimento de que a crítica era precedente, é importante manifestar ao crítico que você tem interesse em mudar aquele comportamento que não foi adequado, tenha ele sido expresso por palavras, atos ou através de ambos.

Esse roteiro não é fácil de ser seguido, pois ele mexe com a nossa personalidade, com as nossas emoções e sentimentos, toca em nosso egoísmo, orgulho e vaidade, no entanto ele é muito importante para vivermos de forma amorosa e saudável, a começar do próprio lar. ■

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 71. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991. Parte 3ª, caps. XI e XII.

_____. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 116. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999, cap. XVII, item 1.

PRETTE, Almir e Zilda. *Habilidades Sociais Cristãs*. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

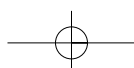
Cadastro de *Reformador*

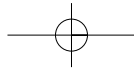
Assinantes e Instituições Espíritas

Atualizem seu cadastro a fim de receber

Reformador com regularidade

(assinaturas.reformador@febrasil.org.br).





ESFLORANDO O EVANGELHO

Emmanuel

Busquemos o melhor

“Por que reparas o argueiro no olho de teu irmão?”

– *Jesus. (Mateus, 7:3.)*

A pergunta do Mestre, ainda agora, é clara e oportuna.

Muitas vezes, o homem que traz o argueiro num dos olhos traz igualmente consigo os pés sangrando. Depois de laboriosa jornada na virtude, ele revela as mãos calejadas no trabalho e tem o coração ferido por mil golpes da ignorância e da in experiência.

É imprescindível habituar a visão na procura do melhor, a fim de que não sejamos ludibriados pela malícia que nos é própria.

Comumente, pelo vezo de buscar bagatelas, perdemos o ensejo das grandes realizações.

Colaboradores valiosos e respeitáveis são relegados à margem por nossa irreflexão, em muitas circunstâncias simplesmente porque são portadores de leves defeitos ou de sombras insignificantes do pretérito, que o movimento em serviço poderia sanar ou dissipar.

Nódulos na madeira não impedem a obra do artífice e certos trechos empedrados do campo não conseguem frustrar o esforço do lavrador na produção da semente nobre.

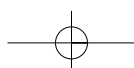
Aproveitemos o irmão de boa-vontade, na plantação do bem, olvidando as nugas que lhe cercam a vida.

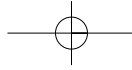
Que seria de nós se Jesus não nos desculpasse os erros e as defecções de cada dia?

E, se esperamos alcançar a nossa melhoria, contando com a benemerência do Senhor, por que negar ao próximo a confiança no futuro?

Consagremo-nos à tarefa que o Senhor nos reservou na edificação do bem e da luz e estejamos convictos de que, assim agindo, o argueiro que incomoda o olho do vizinho, tanto quanto a trave que nos obscurece o olhar, se desfarão espontaneamente, restituindo-nos a felicidade e o equilíbrio, através da incessante renovação.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte Viva*. 30. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, cap. 113, p. 259-260.





Exposição Kardec 200 anos chega

A mostra, organizada pelo Conselho Espírita Internacional, integra

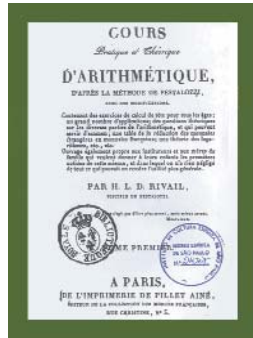
A partir deste mês, a exposição “Kardec 200 anos” estará percorrendo diversos Estados brasileiros. Integrada por livros raros, objetos do século XIX, réplicas de roupas, quadros e cartas de Allan Kardec, a mostra foi apresentada pela primeira vez no 4º Congresso Espírita Mundial, em outubro de 2004, em Paris.

Durante a reunião de 2004 do Conselho Federativo Nacional da FEB, a exposição foi inaugurada no Brasil. O Secretário-Geral do Conselho Espírita Internacional, Nestor João Masotti, informou aos Presidentes das Federativas estaduais e das Entidades Especializadas de Âmbito Nacional que a exposição é itinerante e poderá ser solicitada para exibição nos Estados brasileiros. O primeiro Estado a exibir a mostra será o Rio de Janeiro. Na Sede Seccional da FEB, em abril, a exposição vai integrar a programação comemorativa denominada “Mês Allan Kardec”, mais uma homenagem da FEB ao Bicentenário de Nascimento do Codificador do Espiritismo.

Cartas de Kardec

O ponto alto da exposição são sete cartas de Allan Kardec, cedidas pelo Instituto Canuto Abreu, de São Paulo. Os documentos foram escaneados e traduzidos pelo Conselho Espírita Internacional para os idiomas inglês, espanhol e português. Na mostra o público pode ler tanto as cópias em alta resolução dos originais como as traduções.

1.

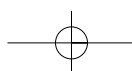


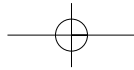
2.



Entre os objetos expostos estão réplicas de roupas de Allan Kardec e de sua esposa, Amélie-Gabrielle Boudet, além de objetos do século XIX, como *pince-nez*, relógio de bolso e caneta-tinteiro. As roupas foram confeccionadas exclusivamente para a exposição, a partir de retratos de Kardec e Amélie. Os tecidos foram fabricados por tecelagens que funcionam há mais de 300 anos na Europa e confeccionados rigorosamente de acordo com

3.





ao Rio de Janeiro em abril

a programação em homenagem ao Codificador

o padrão de vestuário do século XIX.

Organizada por Elsa Rossi, que integra a Coordenadoria Europa do Conselho Espírita Internacional, a mostra também traz como destaque um conjunto de livros raros, relacionados com o Espiritismo

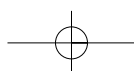
e editados em diversos idiomas. Para agendar a exposição, a Federativa estadual deverá entrar em contato com o Setor de Arquivo, Biblioteca de Obras Raras e Museu da FEB. O telefone é: (61) 321-1767, ramal 225. O e-mail é: arquivo@febnet.org.br ■

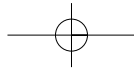
1. *Carta de Kardec*
2. *Folha de rosto de livro pedagógico de Kardec*
3. *Réplica de vestido de Amélie Boudet*
4. *Pintura realizada por Irene Hernandez por ocasião do 4º Congresso Espírita Mundial*
5. *Réplica de roupa de Allan Kardec*

4.



5.





Compromisso

Dalva Silva Souza

Afirmam Maturana e Varela que “o conhecimento do conhecimento nos compromete”.¹ Esses dois pesquisadores fizeram uma incrível viagem pelos campos da Biologia, para entender o fenômeno do “conhecer”. A grande indagação que vem instigando pensadores de todos os tempos e foi o ponto de partida do trabalho que empreenderam é:

Como aprendemos?

As respostas dadas a essa indagação ao longo da História fundamentaram ações pedagógicas que se sucederam no tempo e afetaram a vida de tantas gerações. Agora estamos no limiar de uma nova era, cujas bases precisarão assentar-se em uma nova maneira de educar o homem. A Doutrina Espírita apresenta um arcabouço filosófico capaz de fundamentar uma pedagogia nova e revolucionária, mas sua ação permanece ainda restrita a um movimento minoritário dentro do contexto social, por isso queremos destacar aqui a importância deste estudo que nasceu no próprio meio

acadêmico e tem pontos de convergência fortes com as propostas espíritas.

As buscas que esses dois cientistas empreenderam acabaram por demonstrar que o fenômeno do conhecer não pode ser equiparado à existência de “fatos” ou objetos lá fora que podemos captar e armazenar na cabeça. Eles provam que a experiência de qualquer coisa é validada pela estrutura humana e o encadeamento entre ação e experiência, a inseparabilidade entre ser de uma maneira particular e como o mundo nos parece ser, indica que *todo ato de conhecer produz um mundo*.

É motivante para nós, espíritas, ver surgir, no meio acadêmico, um estudo que fundamenta uma maneira absolutamente nova de ver a vida e o homem, e conhecer trabalhos de cientistas que, não temendo enfrentar as atitudes inflexíveis que nascem do orgulho de saber, afirmam:

“A reflexão é o ato de conhecer como conhecemos, um ato de nos voltarmos sobre nós mesmos, a única oportunidade que temos de descobrir nossas cegueiras e de reconhecer que as certezas e os conhecimentos dos outros são, respectivamente, tão nebulosos e tênues quanto os nossos.”

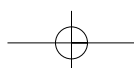
Essa fala sem dúvida nos remete ao reconhecimento da humildade dessa postura. E, como Jesus disse que Deus se oculta aos doutos e

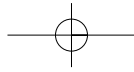
se revela aos simples, percebemos que essa postura favorece mais amplas incursões da mente nos escaninhos da vida. Os pesquisadores de que falamos assumem assim uma posição favorável ao conhecimento do essencial, pois reconhecem as limitações dos sentidos para apreender a vida em sua inteireza.

Ao nos debruçarmos sobre o estudo que fizeram, aprendemos que somos seres integrantes de uma sociedade não por escolha, mas por um determinismo biológico que garante a nossa sobrevivência. Postulam que a interação entre os seres humanos e entre estes e seu meio resulta de um acoplamento estrutural que desencadeia mudanças mútuas de estado, num processo contínuo que modifica o meio e os indivíduos nele envolvidos; que compartilhamos um mundo especificado em conjunto por meio de nossas ações e que foi por essa interação, por essa soma de possibilidades, que a espécie humana se desenvolveu e dominou a Terra.

O saber que sabemos, segundo informam, conduz a uma ética inescapável, que não podemos desprezar. Uma ética que brota da consciência humana e a coloca no centro como fenômeno social constitutivo. Equivale a buscar as circunstâncias que permitem tomar consciência da situação em que estamos e olhá-la de uma perspectiva mais abrangente e distanciada. “O conhecimento do conhecimento

¹MATURANA, Humberto & VARELA, Francisco. *A Árvore do Conhecimento – As Bases Biológicas do Entendimento Humano*. Tradução de Jonas Pereira dos Santos. Workshopsy Editora. SP. 1995.





compromete-nos a tomar uma atitude de permanente vigilância contra a tentação da certeza, a reconhecer que nossas certezas não são provas da verdade, como se o mundo que cada um de nós vê fosse *o mundo*, e não *um mundo*, que produzimos com outros.”

Com base nessa forma de ver, advertem: “Toda vez que nos opusermos a alguém, precisaremos considerar que o ponto de vista dele é tão válido quanto o nosso, ainda que nos pareça menos desejável, portanto teremos que buscar uma perspectiva de domínio experiencial em que o outro também tenha lugar. Só podemos chegar a esse ato de ampliar nosso domínio cognitivo pelo encontro com o outro, olhando-o como igual, num ato que habitualmente é chamado de *amor*. Sem amor, não há socialização, e sem socialização não há humanidade.”

A reação que emerge em nós, ao constatar que essas palavras nasceram no contexto mesmo das academias mais festejadas do mundo e começam a circular nos meios intelectualizados, com capacidade de ampliar concepções e propor mudanças, traz-nos um grande otimismo quanto ao futuro. Fazendo a leitura espírita dessas idéias, indagamos: Quais seriam, pois, os compromissos que nascem da consciência de conhecer?

Podemos definir três compromissos: o primeiro é, exatamente, o de desenvolver a humildade, por uma atitude de permanente vigilância contra a tentação da certeza, por reconhecer que nossas certezas não são provas da verdade, porque o mundo que cada um de nós vê é, na verdade, *um mundo* que produ-

zimos na interação com aqueles com quem convivemos. O segundo é com a fraternidade, precisamos implementar um modo de viver em que o outro também tenha lugar e no qual possamos, com ele, construir a experiência amorosa que produz alegria e crescimento espiritual. O terceiro é com a meditação para o autoconhecimento, recurso reiteradamente indicado pelos Espíritos (*O Livro dos Espíritos*, 919), pois esse voltar-se para dentro de si mesmo é que conduz à vitória contra a cegueira que caracteriza o dia-a-dia de seres imersos numa cultura que precisa ser transformada.

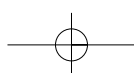
**Ensinar é transmitir
informações da
realidade objetiva e
educar é, além disso,
criar hábitos
adequados a
essa realidade**

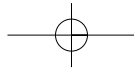
Se aceitarmos esses três compromissos, avaliaremos criticamente as posições pedagógicas a que nos habituamos. Estamos dia a dia diante da exclusão de milhões de pessoas, marginalizadas da sociedade por vários motivos, mas não se observa um movimento de reversão do quadro, parece haver uma insensibilidade generalizada em relação ao problema da miséria social e moral que gera tantos dissabores na vida da sociedade. Os avanços científicos e tecnológicos existentes pode-

riam dar conta de solucionar a maior parte desses problemas, mas não há consenso para enfrentá-los e resolvê-los. Cabe, pois, a indagação de como educar os Espíritos que chegam às nossas famílias, seja pelo renascimento, seja pela adoção, num momento tão delicado de transformações, para olhar o mundo contraditório em que vivemos, de modo a despertar neles os sentimentos de solidariedade em relação ao próximo e de responsabilidade pela transformação.

A pedagogia tradicional vê o conhecimento como reflexo da realidade externa e objetiva e, então, ensinar é transmitir informações da realidade objetiva e educar é, além disso, criar hábitos adequados a essa realidade. Na visão de mundo e do homem que está na base dessa concepção pedagógica, nossos sentidos são órgãos que captam imagens de como o mundo realmente é. A realidade é vista como conjunto de objetos captáveis e, portanto, manipuláveis. Conhecer é apoderar-se das coisas para poder controlá-las. Essa concepção gera uma relação de oposição, competitiva, defensiva e agressiva com o mundo e as pessoas.

Mas, ainda com Maturana e Varela, aprendemos que *não vemos que não vemos*. Eles criticam a concepção tradicional, afirmando que é possível correlacionar o nomear cores com estados de atividade neural, mas não com comprimento de onda, e acrescentam que isso é válido para qualquer modalidade perceptiva, provando que a simples apreensão de alguma coisa (espaço, cor) traz a marca indelével de nossa própria estrutura. “Não vemos o espaço do mundo, vivemos nosso





campo visual. Não vemos as cores do mundo, vivemos nosso espaço cromático.” Então, precisamos entender que não há esse mundo *lá de fora*. Existe uma visão de mundo internalizada e, muitas vezes, compartilhada, criando a ilusão de que há “fatos” ou objetos lá fora que podemos captar e armazenar na cabeça. Na verdade, o processo todo é complexo, nossos sentidos são pontes de mão dupla, trabalham também de dentro para fora. O organismo vivo e seu meio ambiente formam uma unidade indissociável.

Em outras palavras, Jesus nos alertou quanto a isso: “Buscai o reino de Deus e sua justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo.”² Afirmativa examinada em todos os tempos e entendida com mais adequação, agora, pelo esclarecimento espírita: buscar o reino de Deus significa desenvolver o entendimento das leis que regem a vida, e a palavra *justiça*, no contexto da fala do Cristo, não remete a julgamentos e tribunais, mas, como bem esclareceu Pastorino³, tem a conotação de justiça, ajustamento. O ensinamento de Jesus poderia então ser traduzido assim: ajuste-se às leis naturais que regem a vida, porque elas são determinismos divinos; agir contra elas é semear a perturbação, o desequilíbrio e candidatar-se ao sofrimento. É notável a síntese do Espírito de Verdade: *amai-vos e instruí-vos*.

Para estabelecer uma nova pedagogia, precisamos entender, en-

tão, que o conhecimento não é algo a ser colocado na cabeça do educando, para que ele se comporte da forma como queremos. O conhecimento não é recebido passivamente, mas é construído ativamente pelo indivíduo em seu meio. A função do conhecimento deverá levar à adaptação do indivíduo ao ambiente em que é chamado a construir sua vida, para descobrir que ela só terá sentido se ele perceber que compartilha um mundo que constrói na interação com seus semelhantes, por meio de suas ações. Propõe-se, pois, a pedagogia da solidariedade. A educação para a solidariedade não deve partir de uma busca de descobrir culpados da situação que nos está dada, nem de levantar libelos contra governos, empresas e lideranças sociais, mas deve buscar propor a compreensão de que os seres humanos precisam sobreviver na complexa sociedade atual e encontrar alegria nisso, para que possam despertar o lado bom

de si mesmos, superar a competitividade e a ganância para mudar, assim, o mundo que estão construindo pela sua interação.

Neste novo modelo pedagógico, os indivíduos devem colocar-se na perspectiva de aprender continuamente, mantendo-se abertos, para continuarem descobrindo aspectos da sua realidade que favoreçam seu crescimento. As experiências de aprendizagem não construirão realidades fechadas ou saberes definitivos, totalmente delimitados e adquiridos. Os campos de sentido se construirão continuamente para continuar sendo realidades abertas. O aprender será construir mundos mais solidários, onde caberão todos, e campos de significado com conexões com outros campos de sentido na composição em rede da interação humana. E então, finalmente, teremos compreendido a dinâmica proposta por Jesus de implantação do Reino de Deus na Terra. ■

Reformador no Centro Espírita

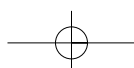
A FEB faz, mensalmente, remessa gratuita de *Reformador* aos centros espíritas de todo o Brasil, quer estejam ou não ligados às respectivas Entidades Federativas estaduais, com base no cadastro que possui.

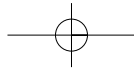
Para que essa oferta atinja seus objetivos de divulgação da Doutrina e do Movimento Espírita, solicitamos aos dirigentes dos centros espíritas que façam campanha de assinatura de *Reformador* junto aos seus trabalhadores.

Pedimos às Federativas que nos informem se as casas espíritas do Estado estão recebendo a Revista, assim como os nomes e endereços das novas instituições.

²Lucas, cap. XII, v. 31.

³PASTORINO, Carlos Tôrres. *Sabedoria do Evangelho*. 2. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial SPIRITVS, 1967, vol. 2, p.122.





Selos homenagearam o Espiritismo no Brasil

Em 47 anos, o Governo brasileiro emitiu cinco selos e diversos produtos postais com motivo espírita.

O primeiro selo homenageou o centenário da Codificação do Espiritismo, em 18 de abril de 1957, e teve como desenhista Bernardino da Silva Lancetta. Foram impressos 5 mil selos, que custavam Cr\$2,50 cada um.

O centenário de lançamento de *O Evangelho segundo o Espiritismo* foi homenageado com um selo lançado em 18 de abril de 1964. Com uma tiragem de 5 mil exemplares, custava, cada um, Cr\$30,00. O desenho também era de Bernardino Lancetta.

Em 1965, o centenário de fundação da primeira sociedade espírita do Brasil – o Grupo Familiar do Espiritismo, que funcionava em Salvador (BA) – foi lembrado com dois carimbos comemorativos.

Allan Kardec foi homenageado com um selo em 31 de março de 1969, no centenário de sua desencarnação. Bernardino Lancetta assinou pela terceira vez um selo com motivo espírita. Os Correios atenderam

mais uma vez a uma solicitação da FEB. A tiragem era de 2 mil exemplares.

No dia 26 de julho

do mesmo ano, os cem anos da imprensa espírita no Brasil foram lembrados com um selo que trazia a efígie de Luís Olímpio Teles de Menezes, fundador do primeiro jornal espírita brasileiro: *O Eco d'Além-Túmulo*. Mais uma vez o desenhista Bernardino Lancetta foi o criador do selo.

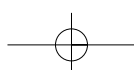
Com uma tiragem de mil exemplares, o selo foi lançado com carimbos obliteradores em vários Estados brasileiros.

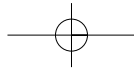
Em 2004, o Governo brasileiro lançou um selo come-



morativo do Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec e um carimbo obliterador especial do 4º Congresso Espírita Mundial. Tarcísio Ferreira desenhou o selo, que teve tiragem de 810

mil exemplares e valor de face de R\$1,60.





Formação do Trabalhador Espírita

Recordando o Excelso Mestre Jesus, relata-nos o evangelista Mateus: “Um homem tinha dois filhos, e chegando ao primeiro, lhe disse: Filho, vai hoje, e trabalha na minha vinha. E respondendo, ele lhe disse: Não quero. Mas depois, tocado de arrependimento, foi. E chegando ao outro lhe disse do mesmo modo. E respondendo ele, disse: Eu vou, senhor, e não foi. Qual dos dois fez a vontade do pai? Responderam eles: O primeiro. Jesus disse: Na verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes vos levarão a dianteira no reino de Deus.” (Mateus, 21:28-31.)

Adequando esses ensinamentos do Mestre à formação do trabalhador espírita, e guardando as devidas proporções, somos inclinados a pensar que a vinha do Senhor pode ser entendida como sendo a seara espírita. Seara bendita que disponibiliza aos seus servidores oportunidades de reajustamento espiritual, desde que estejam dispostos a oferecer suor e lágrima, alegria e dedicação, nos serviços de amor ao semelhante.

Entendemos que todos os espíritos são convidados a dar a sua cota de trabalho na vinha do Senhor. Entre os convidados existem aqueles que, à semelhança do pri-

meiro filho da parábola, recusam o convite, para, mais tarde, cumprir a vontade do Pai. Representam a vasta categoria de trabalhadores espíritos que, num primeiro momento, se julgam inaptos à execução da tarefa, assinalando diferentes justificativas: necessidade de construir um futuro profissional, essencial à subsistência no plano físico; dever de priorizar atendimento aos desafios da vida em família, sobretudo os relativos à educação dos filhos; executar, ainda que tardiamente, sonhos imaginados nos distantes dias da infância ou juventude; importância em considerar que, a despeito do real significado dos ensinamentos da Doutrina Espírita, somente missionários devam dedicar-se, de corpo e alma, às múltiplas e desafiantes tarefas existentes na seara.

São espíritos que se deixam influenciar, em demasia, pelos chamamentos da vida física, sempre adiando para mais tarde a dedicação solicitada. Sabemos, no entanto, que por força das provações que lhes ocorrem ao longo da jornada terrestre são naturalmente conduzidos a reflexões, deixando que o desejo de algo fazer em benefício do próximo lhes preencha, pouco a pouco, o coração. Tornam-se então mais solidários com os que sofrem, encarnados ou desencarnados. Libertos de si mesmos passam a entender que a dedicação ao próximo deva ser a maior preocupação da vida, e, revelando nova disposição,

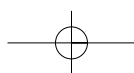
honram as tarefas que lhes foram confiadas com os cuidados da persistência e da continuidade. Arrependidos dos equívocos cometidos, quando aceitaram o jugo dos atrativos materiais, compreendem, finalmente, a grandeza que existe em servir sem imposições, mas de coração aberto, independentemente das cotas de sacrifício oferecidas pelo trabalho na vinha do Senhor.

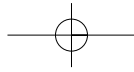
Devemos considerar, porém, que, como o segundo filho da parábola, existem espíritos que aceitam, de imediato, colaborar no campo do Senhor, quando convidados. Tempos depois, no entanto, se afastam da prestação de serviço que lhes foi destinada, por se revelarem incapazes de enfrentar os obstáculos que surgem. São os entusiastas do primeiro momento. Conseguem identificar os benefícios do trabalho, percorrendo sobre os mesmos com alegria e bom ânimo. Permanecem, porém, nesta posição. Não suportando a carga diária e rotineira imposta pela tarefa, afastam-se, transferindo para o grande futuro a oportunidade de servir, ainda que sob o peso de renúncias e provas dolorosas.

Endereçamos a vocês, amigos e irmãos, estas singelas considerações, rogando ao Pai Celestial bênçãos de paz para todos.

Cairbar Schutel

(Mensagem psicografada por Marta Antunes de Oliveira Moura, na sessão mediúcnica de 11 de novembro de 2004, na FEB, Brasília-DF)





Psicografia espírita

José Carlos Monteiro de Moura

“Muitas comunicações há, de tal modo absurdas, que, embora assinadas com os mais respeitáveis nomes, o senso comum basta para lhes tornar patente a falsidade.” — Allan Kardec

1. A verdadeira avalanche de obras psicografadas que mensalmente são colocadas à disposição do público, muitas delas de duvidoso conteúdo doutrinário e ético, merecem um cuidado especial no que diz respeito à sua aceitação, pois uma considerável parcela nada acrescenta e edifica. Pelo contrário, presta-se muito mais à criação de embaraços, dúvidas e dificuldades, principalmente entre os que se iniciam na Doutrina, mesmo porque é imperioso distinguir entre “psicografia e psicografia”, o que implica a inarredável conclusão de que nem todo livro psicografado é livro espírita.

Ao lado disso, constata-se um considerável crescimento do número de mensagens atribuídas a Emmanuel, André Luiz, Bezerra de Menezes, Joanna de Ângelis, Manuel Philomeno de Miranda e outros, recebidas por médiuns de pouca experiência e que conflitam, sobretudo no que diz respeito ao estilo, com aquelas provenientes dos que, costumeiramente, serviram ou servem de “meios de comunicação” para tais Espíritos.

No que diz respeito ao primeiro aspecto, um de seus principais

fatores decorre do mau costume existente no meio espírita – cuja causa imediata ainda é a ignorância que grassa entre alguns de seus adeptos – de se utilizarem das comunicações mediúnicas a fim de que seus pontos de vista sejam aceitos. Tal costume ou hábito resulta, por seu turno, do velho preconceito de que o Espírito desencarnado, pelo simples fato de ter passado para o “lado de lá”, torna-se portador de amplos e variados conhecimentos, sendo, por isso mesmo, mais respeitado e acatado.

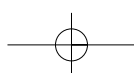
Quanto ao segundo, o obstáculo mais difícil para a sua aceitação decorre da enorme diferença de estilo que se observa, por exemplo, entre os textos de autoria de Emmanuel e Joanna de Ângelis, recebidos, respectivamente, por Francisco Cândido Xavier e Divaldo Pereira Franco, e alguns que andam circulando por aí, mas de responsabilidade de outros médiuns. Constitui postulado fundamental de Literatura que a maneira de cada um escrever é inconfundível e personalíssima, tanto que já se afirmou que *o estilo é o homem*. Essa característica é tão marcante que permite, mesmo aos menos avisados, não confundir Machado de Assis com José de Alencar, Eça de Queiroz com Júlio Diniz, João Guimarães Rosa com Bernardo Guimarães, Olavo Bilac com Carlos Drummond de Andrade, e assim por diante... Ocorre, ainda, que consi-

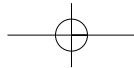
derável parcela dessas mensagens é composta por um verdadeiro e repetitivo jogo de palavras, pouco ou nada acrescentando àquilo que já foi dito anteriormente.

Kardec previu e anteviu essa situação, quando se pronunciou sobre o exercício da mediunidade:

“(…) Para não cair na cilada é necessário, primeiro, guardar-se contra o entusiasmo que cega, do orgulho que leva certos médiuns a se julgarem os únicos intérpretes da verdade. É preciso tudo examinar friamente, pesar tudo maduramente, tudo controlar; e, se se desconfia do próprio julgamento, o que muitas vezes é mais prudente, é preciso reportar a outros, conforme o provérbio de que quatro olhos vêem mais do que dois. Um falso amor-próprio ou uma obsessão podem, por si só, fazer persistir uma idéia notoriamente falsa e que é repelida pelo bom-senso de cada um.” – Do discurso pronunciado em Lyon, em 19 de setembro de 1860, in *Revista Espírita*, outubro de 1860, p. 448. Ed. FEB, Rio de Janeiro, 2004.

2. O fato agrava-se quando os médiuns se empolgam de tal maneira que dispensam toda e qualquer análise crítica da comunicação. Não pesquisam nem questionam acerca da viabilidade e confiabilidade do texto psicografado. Aceitam tudo, partindo do pressuposto de que são dotados de uma certa infalibilidade, que acaba por se revelar





tão merecedora de crédito como o dogma do Geocentrismo, referendado por Urbano VIII, e que implicou a condenação da doutrina de Galileu sobre o sistema solar. Muitas vezes vêm assinadas por exóticas e discutíveis personalidades e, mesmo assim, são acatadas sem maiores indagações, ocasionando, em consequência, a deturpação da Doutrina, a desconfiança e o descrédito entre seus próprios adeptos.

São incontáveis os fatos dessa natureza. Certa ocasião, um integrante do grupo mediúnico de uma Casa Espírita andou distribuindo, entre os participantes das sessões públicas, mensagens psicografadas de Abraão, Moisés, Salomão, Davi, Elias, Jó, Maria de Nazaré, José, Pedro, Mateus, e até Jesus!

Diante da natural reação de alguns mais esclarecidos, que duvidaram da autenticidade de tais mensagens, os Dirigentes do Centro tiveram que travar uma autêntica batalha para convencer os seus receptores de que elas configuravam uma manifesta e incontestável mistificação. Fatos semelhantes não passaram despercebidos a Kardec, que os abordou no capítulo XXXI de *O Livro dos Médiuns*, sob o título de “Comunicações apócrifas”, e valem como séria advertência para os médiuns em geral. Além disso, o Espírito Santo Agostinho faz uma advertência expressa a respeito, a saber:

“Observai e estudai com cuidado as comunicações que vos são dadas; aceitai o que a razão não repele, rejeitai o que a choca; pedi esclarecimentos sobre as que vos deixam em dúvida. Tendes aí a marcha a seguir, para transmitir às gerações futuras, sem receio de as ver desnaturalizadas, as verdades que deslindais

sem esforço do seu cortejo inevitável de erros.” – *Revista Espírita*, setembro de 1863, p. 359, Ed. FEB, Rio de Janeiro, 2004.

3. Outro fato, em desfavor da Doutrina, é a mania da revelação de vidas passadas. Esse procedimento se presta, na maioria das vezes, para alimentar tolas vaidades pessoais, quando não serve de motivo para polêmicas e discussões dentro do próprio Movimento Espírita.

“O esquecimento do passado é a condição indispensável de toda prova e de todo progresso”

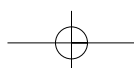
Tais revelações, além de inconvenientes, desnecessárias e contraproducentes, atingem, vezes sem conta, as raias do ridículo e do absurdo. As tradicionais passagens pelo senado romano ou pelas cortes européias da Idade Média, do Renascimento e da Idade Moderna já se tornaram lugares comuns de todas elas. Os que se orgulham e se envaidecem, por exemplo, em face de sua condição de ex-senadores da velha Roma, esquecem-se de que aquela instituição atingiu um grau de descrédito tão grande que teve, entre seus pares, o cavalo de Calígula – Incitatus – que ele nomeou Cônsul!

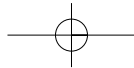
Implicam, dessarte, um grave equívoco doutrinário, pois violam um dos fundamentos indispensáveis ao resgate e reparação de erros

do passado. Funcionam como verdadeiros fatores inibidores no necessário convívio entre desafetos, inimigos e adversários de ontem, inviabilizando reajustes e compromissos previamente assumidos antes da reencarnação. Léon Denis (*Depois da Morte*, Ed. FEB, Rio de Janeiro, 1994, p. 146) outorga-lhe importantíssimo papel, tanto na expiação, como na provação, ao afirmar textualmente:

“O esquecimento do passado é a condição indispensável de toda prova e de todo progresso. O nosso passado guarda suas manchas e nós. Percorrendo a série dos tempos, atravessando as idades da brutalidade, devemos ter acumulado bastantes faltas, bastantes iniquidades. Libertos apenas ontem da barbaria, o peso dessas recordações seria acabrunhador para nós. A vida terrestre é, algumas vezes, difícil de suportar; ainda mais o seria se, ao cortejo dos nossos males atuais, acrescesse a memória dos sofrimentos ou das vergonhas passadas.”

4. Todavia, não se deve omitir que quase todos os responsáveis por essas revelações se acham imbuídos de uma grande dose de boa-fé, que os faz acreditar em tudo que provém ou que julgam provir dos Espíritos. Ademais, ainda impera soberano na nossa cultura o costume retro aludido de transformar-se o desencarnado em sábio ou santo. Indivíduos destituídos de qualquer conhecimento médico passam, depois da desencarnação, a ser evocados a todo instante, para solucionar situações gravíssimas que desafiam a medicina terrena. Semi-analfabetos são guindados à condição de eméritos juristas e a eles são conce-





didos amplos poderes para decidirem processos de enorme complexidade. Problemas de toda espécie e natureza, desde a descoberta de um objeto perdido à solução de grave conflito conjugal, são lançados nas costas de um velho parente desencarnado, erigido de uma hora para outra em santo familiar. O fato se repete em todas as profissões e em todos os segmentos religiosos, não sendo privilégio do Espiritismo.

5. Quando o Codificador iniciou o seu monumental trabalho, assumiu uma postura que deveria ser a de todo espírita, diante de toda e qualquer atividade doutrinária. A sua *confissão*, marcada pela sinceridade, honestidade e bom senso que lhe eram próprios, contém seriíssima advertência, *in verbis*:

– “(...) Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi naqueles fenômenos a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas idéias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspeção e não levemente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir.” (*Obras Póstumas*, Ed. FEB, Rio de Janeiro, 1994, p. 268.)

Daí se deduz, pois, que nunca será demais agir com o máximo de circunspeção e de seriedade, com a maior dose de positivismo possível, e sufocar as manifestações de entusiástico e irrefletido idealismo, ainda que elas se revistam de todos os requisitos de uma possível seriedade. Em matéria de revelações,

mensagens e recados mediúnicos, é sempre recomendável que se adote uma postura de tal seriedade, que não importa que seja identificada ou confundida com a desconfiança. O fundamental, contudo, é que a verdade jamais seja encoberta e iludida pelas aparências.

6. Nas comemorações do bicentenário de renascimento daquele que assumiu a roupagem do Professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais tarde, Allan Kardec, a grande homenagem que os espíritas deveriam dedicar-lhe seria a adoção de uma linha de conduta que seja, antes de tudo e acima de tudo, marcada pelo bom senso e rigor

científico que sempre o distinguiam, características essas que se acham fielmente destacadas no final de sua biografia, constante da *Revista Espírita* de maio de 1869, e transcrita no início de *Obras Póstumas*:

“O homem já aqui não está; a alma, porém, permanecerá entre nós. Será um protetor seguro, uma luz a mais, um trabalhador incansável que as falanges do Espaço conquistaram. Como na Terra, sem ferir a quem quer que seja, ele fará que cada um lhe ouça os conselhos oportunos; abrandará o zelo prematuro dos ardorosos, amparará os sinceros e os desinteressados e estimulará os mornos.” ■

RETORNO À PÁTRIA ESPIRITUAL

Antonio Fernandes Rodrigues

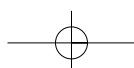
Desencarnou em São Paulo (SP), no dia 5 de janeiro passado, aos 80 anos de idade, o confrade Antonio Fernandes Rodrigues, que desde a juventude se dedicou ao estudo e prática da Doutrina Espírita, no interior do Estado e na capital paulista. Tendo nascido em Caldas de Tuy (hoje Tuy), na Espanha, em 24 de julho de 1924, veio para o Brasil com apenas 10 meses de vida, radicando-se sua família em Tupã (SP), onde ele residiu por 40 anos e, na década de 50, tornou-se espírita, passando a freqüentar as reuniões da Mocidade Espírita do Centro Espírita Allan Kardec, da qual foi presidente e co-fundador do jornal *A Voz da Juventude*. Casando-se com a jovem Dirce, também daquela Mocidade Espírita, o

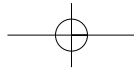
casal teve 5 filhos, que lhe deram 12 netos e uma bisneta.

Mudando-se para São Paulo, em 1965, ali exerceu a profissão de contabilista até aposentar-se, quando se dedicou inteiramente às atividades da Doutrina. Participou de diversas casas espíritas da Capital, como dirigente e expositor, sendo Diretor da USE-Tatuapé. Era colaborador, desde 1977, de diversos órgãos da imprensa espírita.

Antonio Fernandes Rodrigues iniciou em 1984 sua atividade de escritor espírita, tendo publicado, através de diversas editoras, 8 livros em parceria com outros escritores e 5 de sua autoria.

Rogamos as bênçãos de Jesus a este seareiro do Consolador, em seu retorno à Pátria Espiritual. ■





Em dia com o Espiritismo



Marta Antunes Moura

Nanotecnologia

Estamos vivendo a era da *nanotecnologia*, ciência do estudo das moléculas e átomos. É assim chamada porque os objetos utilizados por esta ciência são medidos em nanômetros (um nanômetro equivale a um bilionésimo de metro). Em 1959, Richard Feynman (1918-1988), físico americano, perguntou aos seus (perplexos) colegas da Sociedade Americana de Física:

– “O que aconteceria se pudéssemos arranjar os átomos, um por um, do jeito que quiséssemos? Os cientistas atuais diriam a Feynman: – Poderíamos construir inúmeros objetos, favorecedores do bem-estar geral da comunidade, tais como: supercomputadores que caibam no bolso, arquivos de bibliotecas inteiras gravados em espaços de meros centímetros quadrados, microssondas para fazer variados testes dentro do corpo humano.”

O progresso humano segue a sua rota inevitável, mas só alcançaremos o estado de felicidade completa quando moral e conhecimento estiverem unidos. O Espiritismo nos ensina, em *A Gênese*, capítulo XVIII, que *o progresso intelectual realizado até o presente, nas mais largas proporções, constitui um grande passo e marca uma primeira fase no avanço geral da Huma-*

nidade; impotente, porém, ele é para regenerá-la. (Item 18.) *Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, refreando as paixões más; somente esse progresso pode fazer que entre os homens reinem a concórdia, a paz, a fraternidade.* (Item 19.)

Para Feynman, assim como a Humanidade aprendeu a manipular o barro para fazer tijolos e com estes construir casas, seria possível manipular diretamente os átomos e, a partir daí, construir materiais existentes na Natureza. Um sonho? Talvez, há quarenta anos. Mas, como afirmou Feynman em sua conferência, “nada, nesse sonho, viola as leis da Natureza, portanto, é apenas uma questão de conhecimento e tecnologia para torná-lo realidade”. Hoje, qualquer toca-discos de CD* é uma prova da verdade do que Feynman dizia. Os materiais empregados na construção dos *lasers* desses toca-discos não ocorrem naturalmente, mas são fabricados pelo homem, camada atômica sobre camada atômica. (Fonte: Cylon Gonçalves da Silva, físico. www.comciencia.br/reportagens/nanotecnologia/nano10.htm)

O conhecimento espírita sobre os benefícios da nanotecnologia

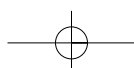
*CD: compact disc.

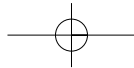
não é recente. Os Espíritos nos informam sobre gravações em CD, de sons e imagens comuns, assim como de pensamentos que, posteriormente, podem ser reproduzidos em aparelhos tipo CD-player** ou em DVD. No livro *Memórias de um Suicida*, cuja primeira edição da FEB foi em 1956 (quatro anos antes da palestra de Feynman) temos o seguinte relato:

Conduzidos a um pátio extenso e nobre (...) fomos em seguida transportados em pequenos grupos de dez individualidades, para determinado gabinete onde vários funcionários colaboravam nos trabalhos de registro. (...) Tão árduo trabalho, em torno de toda uma falange, levava quando muito dois quartos de hora, porquanto os processos usados não eram idênticos aos conhecidos nas repartições terrenas. As respostas dos pacientes seriam antes gravadas em discos singulares, espécie de álbuns animados de cenas e movimentos, graças ao concurso de aparelhamentos magnéticos especiais. Tais álbuns reproduziriam até mesmo o som da nos-

**DVD PLAYER: Equipamento que reproduz DVD.

DVD (*Digital Versatile Disc*): Pequeno disco de acrílico de 12 centímetros, semelhante ao CD, com capacidade de 17 gigabytes de informações ou 3 horas de imagens gravadas.





sa voz, como nossa imagem e o prolongamento do noticiário sobre nós mesmos, desde que posto em contato com admirável maquinismo apropriado ao feito, exatamente como discos e filmes na Terra reproduzem a voz humana e todas as demais variedades de sons e imagens neles existentes e que devam ser retidos e conservados. Nossa identidade, portanto, era antes fotografada: as imagens emitidas por nossos pensamentos, no ato das respostas às perguntas formuladas, seriam captadas por processos que na ocasião escapavam à nossa compreensão. (Primeira Parte, cap. No Hospital “Maria de Nazaré”, p. 70-71, 1. ed. especial, FEB.)

Causas externas da morte

A principal causa de morte, atualmente, em pessoas com até 40 anos de idade, faz parte das denominadas *causas externas*. Destacam-se, entre estas, os homicídios e os acidentes de trânsito. No Brasil, em 20 anos (1980-2000), esse tipo de óbito subiu de 52,9% para 70%. No item “acidentes de trânsito”, as estimativas nacionais apontam que na metade das ocorrências fatais há presença de etanol (álcool etílico) no sangue das vítimas, sejam elas motoristas, passageiros ou pedestres. (Fonte: Agência Notisa, 10/8/2004.)

Sabemos que a desencarnação abrupta, sobretudo quando associada à ingestão de tóxicos, pode desencadear sérias perturbações espirituais. Allan Kardec nos explica, em *O Céu e o Inferno* (Ed. FEB, Segunda Parte, capítulo I), que após a morte do veículo físico, *a insensibilidade da matéria inerte é um fato,*

e só a alma experimenta sensações de dor e de prazer. (Item 3.) Esclarece também que *na morte violenta as sensações não são precisamente as mesmas. Nenhuma desagregação inicial há começado previamente à separação do perispírito; a vida orgânica em plena exuberância de força é subitamente aniquilada.* (...) *O Espírito, colhido de improviso, fica como que aturdido e sente, e pensa, e acredita-se vivo [encarnado], prolongando-se esta ilusão até que compreenda o seu estado.* (Item 12.)

Pesquisa realizada na região metropolitana de Porto Alegre (RS) – tema da monografia de alunos de Medicina da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), fundamentada em laudos de necropsia das vítimas de acidentes de trânsito – mostra que o teor alcoólico-médio encontrado nos condutores de veículos motorizados é quase três vezes superior ao considerado adequado pelo Código de Trânsito Brasileiro (CTB). O estudo enfatiza que, em cada óbito por acidente de trânsito, treze pessoas são feridas. (Fonte: Agência Notisa, 10/8/2004.)

É importante lembrar que uma vida de retidão sempre nos concede frutos de paz e harmonia, inclusive no instante final da existência física. Para o Espírito André Luiz, *errar os olhos carnis constitui operação demasiadamente simples.*

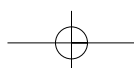
Permutar a roupa física não decide o problema fundamental da iluminação, como a troca de vestidos nada tem que ver com as soluções profundas do destino e do ser. (Nosso Lar, Mensagem de André Luiz, Ed. FEB.)

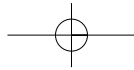
A pesquisa gaúcha revela que mais de um terço (37,7%) das víti-

mas fatais, no ano de 2002, apresentavam alcoolemia positiva (um total de 146 em 387 mortes). Na maioria dos casos, os envolvidos são jovens de 21 a 30 anos (23,26%), do sexo masculino (80,1%), e brancos (90,18%). O trabalho, publicado no portal da *Medcenter*, constatou que a média de teor alcoólico encontrado foi de 16,46dg/l, condição na qual o indivíduo, pelo CTB, está proibido de dirigir qualquer veículo, pois pode apresentar visão dupla e desorientação. Entretanto, não foi possível identificar, na pesquisa, se a pessoa morta era motorista, passageiro ou pedestre. Este dado é relevante uma vez que apenas os motoristas de veículos são punidos pelo CTB, caso a alcoolemia seja igual ou superior a 6dg/l (equivalente a dois copos de chope – 300 ml –, ou uma lata de cerveja). (Fonte: Agência Notisa, 10/8/2004.)

A pesquisa nos faz refletir sobre as conseqüências nos nossos atos. A respeito do assunto, Kardec informa:

Interrogamos, aos milhares, Espíritos que na Terra pertenceram a todas as classes da sociedade, ocuparam todas as posições sociais; estudamos todos os períodos da vida espírita, a partir do momento em que abandonaram o corpo (...). Ora, notamos sempre que os sofrimentos guardavam relação com o proceder que eles tiveram e cujas conseqüências experimentavam; que a outra vida é fonte de infável ventura para os que seguiram o bom caminho. Deduz-se daí que, aos que sofrem, isso acontece porque o quiseram; que, portanto, só de si mesmos se devem queixar, quer no outro mundo, quer neste. (*O Livro dos Espíritos*, questão 257, Ed. FEB.) ■





A FEB E O ESPERANTO

Arthur Azevedo, Esperanto, Espiritismo

Affonso Soares

Arthur Azevedo (1855-1908), consagrado escritor brasileiro, membro fundador da Academia Brasileira de Letras, famoso por uma rica e variada produção literária em sua maior parte impregnada do sadio humorismo que se lhe constituiu um traço marcante da personalidade, deixou seu nome ligado aos esforços pioneiros no Brasil em favor do Esperanto.

Em relação ao Espiritismo, evoluiu de declarado antagonismo a um prudente ceticismo, quando, em 1907, reconhece a literatura psicográfica como fenômeno psíquico, ao criticar poesias mediúnicas de Bittencourt Sampaio, recebidas pelo médium Frederico Júnior, chegando a afirmar que “ele escreve depois de morto melhor do que quando vivia”, como se lê no excelente *Os Intelectuais e o Espiritismo*, de Ubiratan Machado, editado em 1996 por Publicações Lachâtre.

Arthur Azevedo também deixou expressiva manifestação de sua honestidade intelectual e moral por ocasião do falecimento do Dr. Bezerra de Menezes, que se deu em 11 de abril de 1900. No dia seguinte, publica no diário *O Paiz*, em sua coluna “Palestra”, um artigo em que ressalta as virtudes daquele a quem chamou “mártir da vida pública”, destacando-se o trecho abaixo transcrito:

O voto popular amarrou-o durante muito tempo ao cargo de presidente da Ilustríssima Câmara Municipal da Corte, como a um pelourinho infame. Ouvi dizer a muitos dos seus concidadãos que ele era um ladrão, e diziam-no com a facilidade e o desassombro com que no Rio de Janeiro – só no Rio de Janeiro – se dizem essas coisas. Outros o defendiam afirmando que ele não roubava, mas apenas consentia que os amigos roubassem.

Se, quando lhe lançaram em rosto esse tremendo labéu de ladrão, Bezerra de Menezes não fez o mesmo que o infeliz Carlos Costa, foi porque era uma al-

ma forte, um espírito orientado, um filósofo preparado para todas as lutas morais. Só agora respondeu aos seus agressores, e respondeu como? morrendo pobre. Felizes daqueles que incumbem da defesa de sua honra os seus próprios cadáveres!

Arthur Azevedo retorna ao cenário físico da Terra, ao ditar três inconfundíveis sonetos a Francisco C. Xavier, impressos no *Parnaso de Além-Túmulo* (Ed. FEB), sob o título “Miniaturas da Sociedade elegante”. Já antes, através dos extraordinários dotes mediúnicos de Fernando de Lacerda, ditava longa comunicação que figura no 4º volume da obra *Do País da Luz*, editada pela FEB. Vale a pena aqui fazer um exercício de comparação, que tanto evidenciará o fato de que, no além-túmulo, ainda conservou a veia humorística, como igualmente porá em foco a assombrosa faculdade psicográfica do saudoso Chico Xavier:

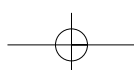
Soneto “Velha anedota”, composto por Arthur Azevedo em vida física:

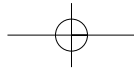
Tertuliano, frívolo peralta,
que foi um paspalhão desde fedelho,
tipo incapaz de ouvir um bom conselho,
tipo que, morto, não faria falta;

lá num dia deixou de andar à malta,
e indo à casa do pai, honrado velho,
a sós na sala, em frente de um espelho,
à própria imagem disse em voz bem alta:

“Tertuliano, és um rapaz formoso!
És simpático, és rico, és talentoso!
Que mais no mundo se te faz preciso?”

Penetrando na sala, o pai sisudo,
que por trás da cortina ouvira tudo,
serenamente respondeu: – “Juízo!”





Soneto I, de “Miniaturas da Sociedade elegante”,
em *Parnaso de Além-Túmulo*:

“Adriano Gonçalves de Macedo,
Homem de cabedais e alma sem siso,
Penetrou no seu quarto com um sorriso
Às dez horas da noite, muito a medo.

Uma carta de amante – era um segredo –
la abri-la, e, assim, era preciso
Que a sua esposa, dama de juízo,
Não na visse nem mesmo por brinquedo:

Dona Corália Augusta Colavida
Estaria nessa hora recolhida?
Levantou a cortina, devagar...

Mas, que tragédia após esse perigo...
Viu que a esposa beijava um seu amigo,
Sobre o divã da sala de jantar.

...

Nosso objetivo é, efetivamente, lembrar a corajosa atitude de tão ilustre representante de nossas letras em favor do ideal esperantista, quando, em 12 de abril de 1898, na coluna “Palestra” que mantinha em *O Paiz*, publica um texto que, não obstante sempre mencionado pela propaganda esperantista, permanece todavia quase desconhecido naqueles círculos.

Graças ao empenho e talento de nosso co-idealista James Piton, de Campinas (SP), o artigo de Arthur Azevedo está agora disponível, na ortografia original, na página eletrônica do Kultura Centro de Esperanto (www.esperanto.cc), daquela cidade. James encontrou-o em microfilmes do diário *O Paiz*, conservados no Arquivo Edgard Leuenroth, da UNICAMP.

Com a sua transcrição, concluiremos esta notícia:

“Em 1887 o Dr. Zamenhof – por esse *of* já todos sabem que se trata de um russo – criou, escrevendo sob o pseudônimo de *Esperanto*, um idioma internacional muito mais aceitável, muito menos complicado que o célebre *volapuk*, em que de balde pretendi meter o dente.

O novo idioma, conhecido, em razão daquele pseudônimo, pela designação de *esperanto*, é, há 10 anos, objeto de enorme propaganda, e conta já numerosos adeptos em toda a parte do mundo.

Em janeiro deste ano fundou-se em Paris a *Société pour la propagation de l’espéranto*, e foi publicado o 1º número de *L’espérantiste*, do qual me foi enviado um exemplar pelo Sr. Jacome Martins Baggy de Araújo, que reside em Petrópolis e é, pelos modos, o propagador brasileiro do novo idioma.

A rápida leitura do periódico e de uma curiosa brochura que o acompanhou, na qual se acham alguns extratos do dicionário e da gramática do *esperanto*, deu-me, sem que eu as procurasse, algumas noções que, se me sobrasse o tempo, fariam de mim um esperantista fervente.

O caso é que o *esperanto* foi gabado por Max Müller, que é, dizem, o maior lingüista da nossa época, e recebeu elogios de Tolstoi, Henry Phillips e outras notabilidades universais.

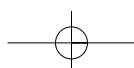
Tolstoi escreveu o seguinte: ‘O *esperanto* é tão fácil de aprender que eu, tendo recebido uma gramática, um dicionário e alguns artigos nesse idioma, consegui, ao fim de duas horas, se não escrever ao menos ler correntemente a língua.’ É verdade que nem todos têm a inteligência de Tolstoi...

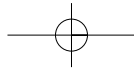
Não quero espriar-me em considerações, que naturalmente se acham no ânimo de todos os meus leitores, sobre a conveniência de uma língua internacional; limito-me apenas a recomendar o *esperanto*, que sairá, espero, vitorioso da propaganda em que se acha empenhado.

Termino este ligeiro artigo transcrevendo o *Padre nosso* traduzido para o nosso idioma:

‘Patro nia, kiu estas en la ĉielo, sankta estu via nomo; venu reĝeco via, estu volo via, kiel en la ĉielo, tiel ankaŭ sur la tero. Panon nian ĉiutagan donu al ni hodiaŭ; kaj pardonu al ni ŝuldojn niajn, kiel ni ankaŭ pardonas al niaj ŝuldantoj, kaj ne konduku nin en tenton sed liberigu nin de la malbono. Amen.’

À primeira vista parece o provençal ou o catalão – mas creiam que não é nenhum bicho de sete cabeças.” ■





PÁGINAS DA *REVUE SPIRITE*

Problema psicológico

Dois irmãos idiotas

Numa família de operários de Paris encontram-se duas crianças acometidas de idiotia. Até a idade de 5 ou 6 anos desfrutavam de todas as suas faculdades intelectuais, relativamente bem desenvolvidas. A menos que seja provocada por uma causa accidental, a idiotia nas crianças resulta quase sempre de uma parada no desenvolvimento dos órgãos, manifestando-se, por conseguinte, desde o nascimento. Além disso, o que é de notar aqui é o fato de duas crianças atingidas pela mesma enfermidade em condições idênticas.

Podendo esse duplo fenômeno ser objeto de estudo interessante, do ponto de vista psicológico, o Sr. Desliens, um dos membros da Sociedade de Paris, foi introduzido na família por um amigo, a fim de poder dar contas à Sociedade. Eis o resultado de suas observações:

Disse ele: “Quando o pai soube do objetivo de minha visita passou a um gabinete, de onde voltou trazendo nos braços um ser que, por suas feições, mais se parecia a um animal do que a um foco de inteligência. Trouxe igualmente um segundo no mesmo estado de embrutecimento, mas com aparências físicas mais humanas. Nenhum som inteligível escapava da boca desses infortunados; gritinhos agudos, grunhidos roucos são suas únicas manifestações ruidosas. Quase

sempre um riso bestial lhes anima a fisionomia. O mais velho chama-se Alfred, e o segundo, Paulin.

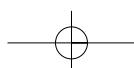
Alfred, atualmente com dezessete anos, nasceu com toda a sua inteligência, que se manifestou mesmo com certa precocidade. Aos três anos falava convenientemente e compreendia os menores sinais. Teve então uma ligeira doença, depois da qual perdeu o uso da palavra e as faculdades mentais. Os tratamentos médicos apenas levaram ao esgotamento das forças vitais, hoje traduzido por um raquitismo absoluto.

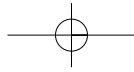
“Este ser, que de um homem nem mesmo guarda a aparência, tem, contudo, sentimento; ama a seus pais e a seu irmão, e sabe manifestar simpatia ou repulsão por aqueles que o cercam. Compreende tudo quanto lhe dizem; olha com olhos brilhantes e inteligentes; procura incessantemente, mas sem resultado, responder quando lhe falam de coisas que o interessam. Tem um medo invencível da morte e não pode ver um carro fúnebre sem procurar esconder-se. Certo dia, tendo sua tia lhe dito, por brincadeira, que o envenenaria se ele continuasse a ser mau, compreendeu tão bem que durante mais de um ano se negou a receber qualquer alimento de sua mão, embora tenha um apetite extraordinário.

“Do ponto de vista corporal, Paulin, de 15 anos, tem uma aparência mais humana. Traz no rosto

embrutecido a marca de um idiotismo absoluto. Contudo ama, limitando-se a isto suas manifestações exteriores. Também nasceu com toda a razão, que conservou integral até os seis anos. Gostava muito do irmão. A essa idade adoeceu e passou pelas mesmas fases do mais velho. Ultimamente foi acometido por uma doença de largo curso, depois da qual parece compreender melhor o que lhe dizem. O cura e os padres da paróquia fizeram a família saber que havia possessão do demônio e que era preciso exorcizar os meninos. Os pais hesitaram. Contudo, fatigados com a insistência daqueles senhores, e temendo perder o auxílio que recebiam por causa dos filhos, concordaram. Mas, então, aqueles senhores sustentaram que, de fato, teria havido possessão numa época anterior, mas que hoje já não se tratava disto e que nada mais havia a fazer. É preciso dizer, em louvor aos pais, que sua ternura por essas infortunadas criaturas jamais foi desmentida e que elas têm sido constantemente objeto dos mais afetuosos cuidados.”

Os senhores eclesiásticos renunciaram sabiamente ao exorcismo, que só teria levado a um fracasso. As crianças não apresentam nenhum dos caracteres da obsessão, no sentido do Espiritismo, e tudo prova que a causa do mal é puramente patológica. Em ambos a





idiotia se produziu em conseqüência de uma doença que, indubitavelmente, ocasionou a atrofia dos órgãos da manifestação do pensamento. Mas é fácil ver, por trás desse véu, que existe um pensamento ativo, que encontra um obstáculo invencível à sua livre emissão. A inteligência dessas crianças, durante os primeiros anos, nelas prova Espíritos adiantados, que mais tarde se acharam contidos em laços muito apertados para que pudessem manifestar-se. Num envoltório em condições normais teriam sido homens inteligentes; e quando a morte os tiver libertado de seus entraves, recobrarão o livre uso de suas faculdades.

“Esse constrangimento imposto ao Espírito deve ter uma causa moral, providencial e essa causa deve ser justa, já que Deus é a fonte de toda justiça. Ora, como esses meninos nada fizeram nesta existência que pudesse merecer um castigo qualquer, é preciso admitir que pagam a dívida de uma existência anterior, a menos que se negue a justiça de Deus. Eles nos oferecem uma prova da necessidade da reencarnação, essa chave que resolve tantos problemas e que, diariamente, projeta luz sobre tantas questões ainda obscuras. (Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. V, nº 6: Causas anteriores das aflições terrenas.)¹

A respeito do assunto, foi dada a seguinte comunicação na Sociedade de Paris, no dia 7 de julho de 1865. (Médium: Sr. Desliens.)

¹N.T.: No original, por engano, consta o nº 66, em vez de 6. Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, o subtítulo é: “Causas anteriores das aflições”.)

“A perda da inteligência nos dois idiotas a que nos referimos é, certamente, explicável do ponto de vista científico. Cada um deles teve uma curta doença; pode-se, pois, concluir com razão que os órgãos cerebrais foram afetados. Mas por que esse acidente ocorreu após a manifestação evidente de todas as suas faculdades, contrariamente ao que, em geral, se passa na idiotia? Repito: toda perturbação da inteligência ou das funções orgânicas pode ser explicada fisiologicamente, seja qual for a causa primeira, considerando-se que o Criador estabeleceu leis para as relações entre a inteligência e os órgãos de transmissão, leis que não podem ser derrogadas. A perturbação dessas relações é uma conseqüência mesma dessas leis, e pode ferir o culpado por suas faltas anteriores: aí está a expiação.

“Por que esses dois seres foram feridos juntos? Porque participaram da mesma vida; como estavam ligados durante a provação, devem estar reunidos na vida de expiação.

“Por que sua inteligência a princípio se manifestou, ao contrário do que geralmente acontece em casos semelhantes? Do ponto de vista da intenção providencial, é

uma das mil nuances da expiação, que tem sua razão de ser para o indivíduo, mas cujo motivo muitas vezes seria difícil de sondar, por isso mesmo que é individual. É preciso aí ver, também, um desses fatos que diariamente vêm confirmar, pela observação atenta, as bases da Doutrina Espírita, e sancionar, pela evidência, os princípios da reencarnação.

“Não vos esqueçais, também, de que os pais têm sua parte no que aqui se passa. Sua ternura para com esses seres, que não lhes oferecem nenhuma compensação, é uma grande prova. Devem ser felicitados por não haverem falido, porque essa compensação que não encontram no mundo, encontrará-la-ão mais tarde. Dizei a vós mesmos que os cuidados e a afeição que prodigalizam a esses dois pobres seres bem poderiam ser uma reparação em relação a eles, reparação que o estado de necessidade da família torna ainda mais meritório.”

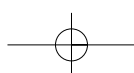
Moki

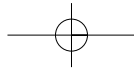
Fonte: *Revue Spirite (Revista Espírita)* – agosto de 1865, p. 322-326, tradução de Evandro Noleto Bezerra – Ed. FEB.

Leia
Revista Espírita
Allan Kardec

À venda:
Vol.: de 1858 a 1869
Ed. FEB

Tel.: (21) 2187-8282
vendas@febrasil.org.br - www.febnet.org.br





Prática do Bem

Washington Borges de Souza

Entre as luzes e bênçãos que o Espiritismo estende com exuberância a toda a Humanidade, é de grande relevância o conceito do bem e do mal por ele precisamente definido.

A prática do bem é a via que conduz a criatura à perfeição. Essa destinação é inexorável, todavia, é o próprio ser humano que terá forçosamente que edificar seu destino e perلustrar o longo curso evolutivo.

A Divina Providência dota o Espírito de todos os atributos e instrumentos necessários para alcançar esse objetivo, mostra-lhe o caminho, dá-lhe os meios de sustentar-se através do trabalho e do próprio esforço e ensina-lhe, nas trilhas do tempo, as artes de amar e servir para poder desfrutar plenamente das grandezas e das belezas do Universo. Descerra-lhe o dever indeclinável de respeitar as leis naturais e agir em consonância com essas disposições.

Jesus legou para a eternidade o sumário insuperável das obrigações humanas: “Amar a Deus e ao próximo.”

O Espírito, ao longo da evolução, encarnado ou desencarnado, às vezes se ilude, comete erros, engana seu semelhante. Mas as Leis Divinas não contêm falhas e ninguém se furta à Soberana Justiça. Todos nós a ela estamos infalivelmente sujeitos, independentemente do nosso entendimento ou da nossa ignorância. Temos de progredir pela vontade do Criador, de arrepender-

-nos das faltas cometidas e de retificar e reparar nossos erros.

Desde o início de sua jornada a alma humana dispõe da liberdade de agir para o bem ou para o mal e pode contar com os atributos que lhe são peculiares para discernir, adiantar-se ou retardar-se no caminho. As venturas ou desditas são de sua inteira responsabilidade.

Devemos, assim, ter consciência de que o mal que nosso semelhante nos faz é consequência da Lei de Causa e Efeito ou, em última análise, resulta em nosso pró-

Jamais é cedo ou tarde para nosso arrependimento de faltas cometidas

prio benefício, de conformidade com nossa reação, sem exclusão da nossa obrigação de nos resguardarmos.

É relevante não esquecermos que as leis morais estabelecem que não basta abster-se da prática do mal, é imperioso o exercício do bem. (*O Livro dos Espíritos*, questão 642.)

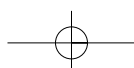
Dentre todas as obrigações morais da criatura humana, o Divino Mestre ressaltou a de amar a Deus e ao próximo, sendo que a mais legítima manifestação de amor é a prática da caridade em to-

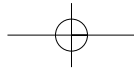
das as suas variadas modalidades, tais como o exercício do perdão.

Ela pode estar expressa no trato com o rico ou com o pobre, com o forte ou com o fraco, com o malvado ou com o bondoso, com a mão que pede ou com a que agride. Algumas vezes se torna muito penoso perdoar com o coração, esquecer agravos e ofensas, banir da consciência mágoas e ingratidões. Por isso, tanto maior a grandeza do ser humano quanto maior a sua capacidade de amar, de servir, de ajudar, de perdoar. Tais regras se aplicam a todos, porque não existe quem seja tão poderoso que não necessite de alguma coisa, nem tão carente que não possa algo doar, mesmo que seja um simples gesto.

Nas etapas iniciais da nossa vida encarnada não temos a consciência precisa da finalidade da vida, nem muitas preocupações com a morte. Somente mais vivência nos dá condição de avaliar ações praticadas, discernir melhor o bem e o mal que promovemos no curso da existência. Jamais é cedo ou tarde para nosso arrependimento de faltas cometidas. Contudo, as vidas mais longas permitem melhores ensejos para o imprescindível arrependimento por deslizes cometidos, a fim de poder tornar possível uma reparação justa e um resgate necessário. A Divina Providência sempre nos dá a oportunidade de corrigir nossos erros.

O exercício do bem é uma via luminosa de progresso para a conquista da verdadeira felicidade. ■





Repensando Kardec

Da Lei de Sociedade

(O Livro dos Espíritos, questões 766 a 775)

Inaldo Lacerda Lima

1. Necessidade da vida social: O Prof. Allan Kardec indaga, de início, se “a vida social está em a Natureza”. Os Espíritos Reveladores respondem: “*Certamente.*” E explicam que Deus fez o homem justamente com esse objetivo: viver em sociedade. Do que nos é dado concluir que outro não foi o intuito do Pai celestial senão o de exercitar-se o homem na fraternidade, praticando o amor ao próximo, ensinado por Jesus. Os Espíritos Superiores mostram que para isso foi dada ao homem a linguagem, assim como todas as faculdades indispensáveis à vida de relação.

O Codificador, para tornar bem claro o nosso entendimento, pergunta ainda se “é contrário à lei da Natureza o insulamento absoluto”. Eles assim respondem: “*Sem dúvida.*” E enfatizam que é instintiva, em nós, a busca da vida em sociedade, cabendo-nos a todos concorrer para o progresso, auxiliando-nos como irmãos.

Na questão 768, pondera Kardec que, procurando a vida social, o homem já obedece a um sentimento próprio de si mesmo, e indaga se “há nesse sentimento algum providencial objetivo de ordem mais geral”. Os Espíritos Revelado-

res, atendendo ao sentido da indagação, fazem ver ao iluminado missionário da Terceira Revelação que “*insulado, não lhe é isso possível, por não dispor de todas as faculdades*”. Isto é, pensamos nós, falta-lhe aquilo que é preciso ser desenvolvido por ele mesmo, através do contato com os outros – a capacidade de discernir com acerto.

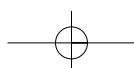
A seguir, o inspirado educador acrescenta em precioso e curto comentário que “homem nenhum possui faculdades completas”. Pois que, ajuizamos nós, é pela união social que tais faculdades umas às outras se completam, a fim de assegurarem a todos o bem-estar e o progresso. Infelizmente, não entendemos ainda nós, os homens, talvez pela interferência ferrenha do egoísmo, que todos uns dos outros precisamos. No futuro, tudo será mais facilmente compreensível, com a atividade incessante desta Doutrina-luz que reflete, em tudo, a Sabedoria divina.

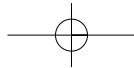
2. Vida de insulamento. Voto de silêncio: Observemos a luminosa inspiração do mestre Kardec, na questão 769: “Concebe-se que, como princípio geral, a vida social esteja na Natureza. Mas, uma vez que também todos os gostos estão na

Natureza, por que será condenável o do insulamento absoluto, desde que cause satisfação ao homem?” Vejamos quão sábia é a resposta vinda do Alto: “*Satisfação egoísta. Também há homens que experimentam satisfação na embriaguez. Merece-te isso aprovação?*” E concluem: “*Não pode agradar a Deus uma vida pela qual o homem se condena a não ser útil a ninguém*” (destaque nosso).

Compete-nos, pois, compreender que Deus, antes de qualquer outra ilação nossa, é Pai-Criador da Humanidade, e nos leva a entender que tem Ele o objetivo de tornar-nos perfeitos através de nossa própria consciência atrelada ininterruptamente ao nosso livre-arbítrio, e com os recursos que nos outorga através das reencarnações.

Assim, o Codificador, com o propósito de tornar mais precisa a compreensão dos que vierem a tomar conhecimento de tanta sabedoria, pergunta, a seguir (questão 770): “Que se deve pensar dos que vivem em absoluta reclusão, fugindo ao pernicioso contacto do mundo?”: As vozes do Alto respondem: “*Duplo egoísmo.*” O Codificador indaga ainda (dentro da mesma questão): “Mas não será meritório





esse retraimento, se tiver por fim uma expiação, impondo-se aquele que o busca uma privação penosa?” Sintamos a profundidade da resposta: “Fazer maior soma de bem do que de mal constitui a melhor expiação. Evitando um mal, aquele que por tal motivo se insula cai noutra, pois esquece a lei de amor e caridade.”

Aí está o erro e a fragilidade dos que se afastaram do mundo, encerrando-se em conventos de “santificação”, porque se candidaram a um retorno à carne em ambientes desfavoráveis dos quais não poderão fugir porque comprometidos com a lei de Justiça, Amor e Caridade.

É, talvez, assim entendendo que Allan Kardec expressa aos Orientadores espirituais a questão 771: “Que pensar dos que fogem do mundo para se votarem ao mister de socorrer os desgraçados?” Observemos a excelência da resposta: “Esses se elevam, rebaixando-se. Têm o duplo mérito de se colocarem acima dos gozos materiais e de fazerem o bem, obedecendo à lei do trabalho.”

Isso nos leva a refletir sobre o apóstolo Paulo em tudo o que se contém na sua primeira mensagem aos homens de Corinto por ele convertidos ao Evangelho. Ninguém, por amor ao Cristo, realizou tanta violência contra si próprio em favor daqueles que se iam convertendo, para que aprendessem a viver bem em sociedade.

Atentemos na pergunta correlata à questão 771: “E dos que buscam no retiro a tranqüilidade que certos trabalhos reclamam?” Os mensageiros do Cristo respondem: “Isso não é retraimento absoluto do

egoísta. Esses não se insulam da sociedade, porquanto para ela trabalham.” E aqui, para ilustrar, um aspecto da vida do grande inventor Thomas Alva Edison, que, certa vez, se isolou do mundo e, meses depois, rompe o isolamento e derruba a cerca alta que elevava próximo à sua residência, para apresentar ao mundo uma de suas grandiosas invenções: o bonde elétrico que, ainda hoje, é transporte da população em países do primeiro mundo.

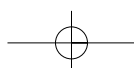
Deus condena o abuso e não o uso das faculdades outorgadas ao homem

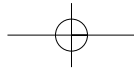
Vejam a última questão deste item, relacionada com o voto de silêncio (questão 772): “Que pensar do voto de silêncio prescrito por algumas seitas, desde a mais remota antiguidade?” E os Espíritos respondem: “Perguntai, antes, a vós mesmos se a palavra é faculdade natural e por que Deus a concedeu ao homem.” Explicam que Deus condena o abuso e não o uso das faculdades outorgadas ao homem. E afirmam que o silêncio é útil, pois no silêncio pomos em prática o recolhimento necessário a tornar o Espírito mais livre para a comunicação com o mundo espiritual. Acrescentam que o voto de silêncio, no sentido em que foi instituído, é mera tolice. Talvez, dizemos nós, tenha algum mérito, não como voto mas como dever, quando as in-

tenções se destinam a atos virtuosos de amor e caridade.

3. **Laços de família:** Outro aspecto fundamental da Lei de Sociedade é, sem dúvida alguma, a família. Sobre este assunto Allan Kardec dirige aos sábios mensageiros da Espiritualidade três questões, que merecem de nossa parte atenção especial. Vejamos a primeira, de número 773: “Por que é que, entre os animais, os pais e os filhos deixam de reconhecer-se, desde que estes não mais precisam de cuidados?” Atentemos na sabedoria da resposta: “Os animais vivem vida material e não vida moral. A ternura da mãe pelos filhos tem por princípio o instinto de conservação dos seres que ela deu à luz.”

De fato, a partir do instante em que “esses seres podem cuidar de si mesmos, está ela [a mãe] com a sua tarefa concluída (...)”. Com o ser humano é diferente. Ele não se rege somente pelo instinto, mas por sentimentos racionais. E o Codificador ajuíza sobre os homens, salientando o pensamento de muitos que falam sem discernir moralmente. Eis como se manifesta ele na questão 774: “Há pessoas que, do fato de os animais ao cabo de certo tempo abandonarem suas crias, deduzem não serem os laços de família, entre os homens, mais do que resultado dos costumes sociais e não efeito de uma lei da Natureza. Que devemos pensar a esse respeito?” As Vozes superiores, sem emitir censura, apenas compreendendo e ensinando, assim respondem: “Diverso do dos animais é o destino do homem. Por que, então, quererem identificá-lo com estes? Há no homem alguma coisa mais, além das necessidades físicas: há a





necessidade de progredir. Os laços sociais são necessários ao progresso e os de família mais apertados tornam os primeiros. Eis por que os segundos constituem uma lei da Natureza. Quis Deus que, por essa forma, os homens aprendessem a amar-se como irmãos” (destaques nossos). Kardec, chama a atenção para a questão 205 da Parte 2ª da obra, que se refere a parentesco e filiação.

O sábio Codificador formula, então, aos Espíritos Reveladores, esta última questão (775): “Qual seria, para a sociedade, o resultado do relaxamento dos laços de famí-

lia?” E a resposta é direta, sem quaisquer outros comentários: “*Uma recrudescência do egoísmo.*” Como a chamar-nos mais uma vez a atenção para o terrível mal que esta verdadeira chaga da sociedade causa ao progresso e felicidade do homem deste planeta.

Imaginamos, caríssimo leitor, a surpresa dos responsáveis pelas religiões dogmáticas, no dia em que, libertos do dogma, puserem os olhos e a mente em *O Livro dos Espíritos*, essa obra grandiosa que, ao longo de suas 1.019 questões, revela à Humanidade toda a Ciência do Espírito! ■

Os vícios

Mauro Paiva Fonseca

Parafraseando Euclides da Cunha, podemos dizer que “o viciado é, antes de tudo, um fraco!” Deixou que a própria mente fosse invadida por “formas-pensamento” geradas pelo ócio, pelo repúdio aos assuntos espirituais, pela falta de fé em Deus, na vida e no bem, as quais se corporificaram, adquirindo existência real, pela força de serem mantidas vivas. As mentes desocupadas dos assuntos relevantes e sérios serão sempre campo aberto à entrada de sugestões nocivas, que por sintonia vibratória são atraídas, e se fixam, como as bactérias se instalam em um tecido enfermo que lhes oferece meio de desenvolvimento e proliferação.

Do mesmo modo que se purificará a água poluída de um recipiente derramando-se sobre ela água límpida continuamente, também se vence o vício acrescentando à própria vida interesses elevados e nobres, os quais, à proporção que se adensarem, irão substituindo as fixações, acabando por superá-las. Os pensamentos orientados para objetivos superiores, mantidos com frequência, irão corporificando as idéias salutares que substituirão as escravizantes, oriundas da dependência viciosa. Então, buscar trabalhos salutares ou atividades de conteúdo moral superior será terapia correta para superar o estado de viciação.

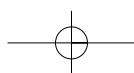
A duração do tratamento, evidentemente, dependerá do grau de comprometimento, do tempo de

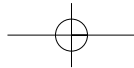
escravidão ao vício, da força com que o viciado se lance na busca desses objetivos, e da fé que possua na vitória final.

O sofrimento dos viciados é grande! Nem poderia deixar de ser, pois este sofrimento funciona como um freio à repetição das crises de dominação. Ele estará sempre a reclamar, não somente a comiseração dos que o cercam, mas o estímulo na busca das motivações que irão substituir as idéias viciosas, pois o que falta ao viciado é a força combativa e a orientação para guiar esta força na solução do problema. É neste momento que ele precisa muito do auxílio dos que o cercam. Tratá-lo sem respeito e com discriminação será uma atitude insensata, pois ele deverá ser considerado como um enfermo.

Vícios serão todas as formas de escravizar-se, descuidando do equilíbrio com que cada criatura deverá conduzir a própria vida. Assim, o viciado é um suicida potencial, com a diferença de ser lenta sua destruição. Sem dúvida, a difícil terapia será inculcar, na mente do viciado, interesses paralelos, idéias diferentes, motivações diversas, que, conquistando sua atenção, o desviarão daquele caminho.

Sendo o vício um problema mental, se não vencido na vida terrena, acompanhará o Espírito após a desencarnação, continuando a exigir a satisfação de sua dependência na vida espiritual. Como em todas as demais soluções dos problemas humanos, nossos esforços para ajudá-lo deverão estar sempre respaldados pela oração dirigida ao provedor das nossas necessidades: Deus! ■





SEARA ESPÍRITA

Goiás: Congresso Espírita

A Federação Espírita do Estado de Goiás realizou no Centro de Convenções de Goiânia, de 6 a 8 de fevereiro passado, o XXI Congresso Espírita do Estado de Goiás, com 4.300 participantes, dentre os quais 600 jovens. O tema *Mediunidade com Jesus – Instrumento de Evolução* foi desenvolvido, em seminário, por Marlene Rossi Severino Nobre (SP), seguido de mais cinco seminários, com os seguintes temas e expositores: *Mediunidade – o sexto sentido a ser conquistado pela Humanidade* – Octaciro Rangel (GO); *A organização, formação e coordenação de grupos mediúnicos* – Zalmino Zimmermann (SP); *Mediunidade: Estudar para bem conhecer e aplicar* – Hélio Ribeiro Loureiro (RJ); *Papel e influência moral do médium nas comunicações mediúnicas* – Julio Cesar de Sá Roris; e *Não acrediteis em todos os Espíritos* – Carlos Augusto Abranches. Divaldo Pereira Franco proferiu palestra no dia 7, segunda-feira, com o tema *Rotina*, e desenvolveu na terça-feira, dia 8, o seminário *Diretrizes para o êxito*.

Paraíba: Encontro Espírita

A Federação Espírita Paraibana promoveu, no período de 6 a 8 de fevereiro, o Encontro de Espíritas da Paraíba (ENESP). O tema central *Mediunidade e Espiritualidade – caminhos para a evolução* foi abordado, na palestra de abertura, pelo Presidente da FEPB, José Raimundo de Lima, e desdobrado em palestras e seminários, pelos expositores: Alberto Ribeiro de Almeida (PA), Spencer Júnior (PE), Suely Cavalcanti, Fátima Silveira, Jair Herculano e Azamor Cirne. Houve, ainda, uma série de cursos ligados à temática do Encontro. O evento foi encerrado com a apresentação do consagrado pianista espírita Sibélius, que encantou o público com um seleto repertório de músicas interpretadas pelo seu talento artístico.

CEI: Coordenadoria da Europa

Será realizada em Luxemburgo, no Hotel Nobilis, de 16 a 18 do corrente mês, a 8ª Reunião da Coordenadoria de Apoio ao Movimento Espírita na Europa, do Conselho Espírita Internacional, com a participação

dos países-membros – Bélgica, Espanha, França, Holanda, Itália, Noruega, Portugal, Reino Unido, Suécia e Suíça. Estará presente o Secretário-Geral do CEI, Nestor João Masotti. A pauta dos trabalhos compreende: Relato das atividades da Coordenadoria, através dos seus Departamentos; Relato das atividades das Coordenadorias das Américas do Norte, Central e Caribe e do Sul; Discussões sobre as atividades específicas de cada país da Europa; Situação atual do ponto de contato via Internet; Informações sobre o balanço do 4º Congresso Espírita Mundial e as comemorações do Bicentenário de Kardec.

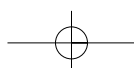
ICEB: Ciclo de Estudos 2005

O Instituto de Cultura Espírita do Brasil, membro do Conselho Federativo Nacional, da FEB, com sede no Rio de Janeiro (RJ), divulgou o calendário de seu Ciclo de Estudos 2005. A aula inaugural ocorreu no sábado, dia 5 de março, com o tema *Vida e Obra do Engenheiro Hernani Guimarães Andrade*, por Ney Prieto Peres. Os estudos são feitos todos os sábados, nos meses de março a novembro, abrangendo os aspectos filosófico, científico e religioso da Doutrina Espírita, e temas correlatos, desenvolvidos através de palestras e seminários.

Paraná: Conferência Estadual Espírita

No período de 8 a 10 deste mês, a Federação Espírita do Paraná promove a VII Conferência Estadual Espírita, no Ginásio de Esportes do Círculo Militar do Paraná, com o tema *A Justiça do Amor de Deus – Evocando os 140 anos de O Céu e o Inferno*, que será desenvolvido em duas conferências e três seminários por Divaldo Pereira Franco, José Raul Teixeira e Cosme Bastos Massi.

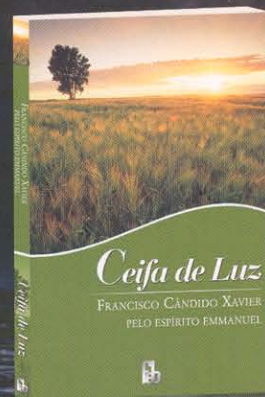
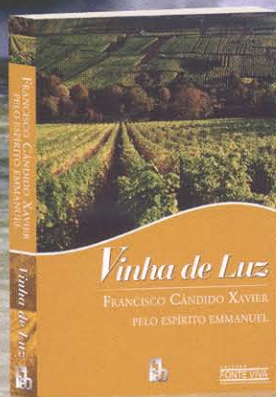
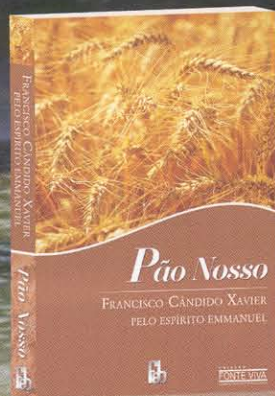
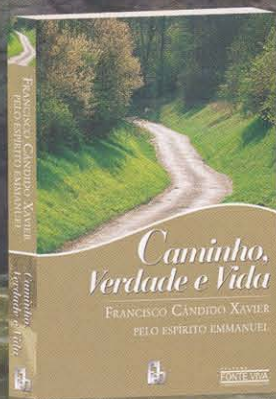
Em março, a FEP realizou outros dois importantes eventos: nos dias 12 e 13, em Curitiba, o VI Encontro de Coordenadores de Juventudes Espíritas, coordenado por Sandra Maria Borba Pereira (RN), tendo como tema *A quem seguiremos, Senhor? – Refletindo sobre Jesus e a Liderança*; no dia 20, o Encontro Inter-Regional Centro, em Guarapuava, que abrange as cidades da 2ª URE (Ponta Grossa) e da 12ª URE (Guarapuava).



Coleção *Fonte Viva*

Com novo projeto gráfico

www.febnet.org.br



Lançamento
em maio na



vendas@febrasil.org.br Tel.: (21) 2187-8268/8272

XII BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DO RIO DE JANEIRO

RIOCENTRO – DE 12 A 22 DE MAIO DE 2005



XII BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO RIO

www.bienaldolivro.com.br



FEB Rio 2003



FEB São Paulo 2004

**Contamos
com a sua
presença**

FEB Rio 2005



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA